

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – RELAÇÕES PÚBLICAS**

**O ACESSO ÀS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO (TICS) ENTRE OS JOVENS RURAIS
DE WESTFÁLIA – RS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Maica Lauana Cord

**Santa Maria, RS, Brasil
2016**

**O ACESSO ÀS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO (TICS) ENTRE OS JOVENS RURAIS DE
WESTFÁLIA – RS**

Maica Lauana Cord

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de
Comunicação Social – Relações Públicas como requisito parcial para
obtenção do grau de **Bacharel em Comunicação Social – Relações
Públicas**

Orientadora: Profa. Dra. Clarissa Schwartz

**Santa Maria, RS, Brasil
2016**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Curso de Comunicação Social – Relações Públicas**

**A comissão examinadora, abaixo assinada
aprova a seguinte monografia**

**O ACESSO ÀS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICS)
ENTRE OS JOVENS RURAIS DE WESTFÁLIA - RS**

elaborada por
Maica Lauana Cord

como requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Comunicação Social – Relações Públicas

COMISSÃO EXAMINADORA:

Clarissa Schwartz, Dra.
(Presidente/Orientadora)

Marcela Guimarães Martins, Dra. (Unipampa)
(Membro)

Liliane Dutra Brignol, Dra. (UFSM)
(Membro)

Santa Maria, 15 de dezembro de 2016.

DEDICATÓRIA

*Com amor,
Aos meus pais, Ademir e Vandi.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à professora Clarissa Schwartz, por me acolher, aceitar este desafio e torná-lo mais fácil para mim. Agradeço pela sua constante, dedicada e compreensiva orientação.

Aos jovens rurais da localidade de Linha Paissandu, pela receptividade e disponibilidade em participar das entrevistas.

À Prefeitura Municipal de Westfália, em especial à Eliane Giebmeier, pelas fundamentais contribuições para a construção deste trabalho.

Agradeço aos meus pais, Ademir e Vandí, pelo constante incentivo aos estudos, pela confiança e por oportunizar a realização deste sonho. Espero sempre retribuir enchendo seus rostos de sorrisos e o coração de orgulho.

Aos demais familiares, pelo gestos e palavras de apoio e carinho durante estes quatro anos longe de casa.

Às minhas colegas e amigas de Curso -- Franciele Tiggemann, Elise Dreyer, Caroline Flores e Cristiani Pedroso --, pelas experiências compartilhadas, por tantos trabalhos em grupos, pelas viagens e histórias inesquecíveis. Sentirei saudades dos nossos chimarrões regados à conversas e risadas.

Ao amigo Mateus Kohl, pelo Abstract deste trabalho e pela presente amizade, mesmo à distância.

Aos amigos de Westfália e Santa Maria, pelo suporte quando achei que não venceria este desafio e por todos os bons momentos vividos juntos.

RESUMO

Monografia de Conclusão de Curso
Curso de Comunicação Social - Relações Públicas
Universidade Federal de Santa Maria

O ACESSO ÀS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICS) ENTRE OS JOVENS RURAIS DE WESTFÁLIA - RS

Autora: Maica Lauana Cord

Orientadora: Clarissa Schwartz

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 15 de dezembro de 2016.

Neste trabalho, investigamos o acesso às tecnologias de informação e comunicação (TICs) no âmbito rural e sua influência na educação escolar e formação profissional de jovens da zona rural do município de Westfália, Rio Grande do Sul. Localizado na região do Vale do Taquari, o município destaca-se economicamente pela produção primária e desenvolve um projeto de inclusão digital do meio rural. Como procedimentos metodológicos, adotamos a pesquisa qualitativa exploratória descritiva, revisão bibliográfica, entrevista e observação participante. Com base em entrevistas realizadas com 26 jovens com idades entre 18 e 28 anos, residentes da zona rural de Westfália, analisamos a relação deste grupo com a Internet. Os principais conceitos que amparam esta pesquisa são juventude rural (REDIN ET AL., 2013; SCHWARTZ, 2012), comunicação rural (BORDENAVE, 1988) e tecnologias de informação e comunicação (SILVEIRA, 2003; VIERO, 2009; SCHWARTZ, 2007; CABRERA, 2012; GUIMARÃES, 2014). Entre os resultados, verificamos que as potencialidades da rede, enquanto ambiente de formação, começam a ser utilizadas pelos jovens rurais a partir da disponibilidade de acesso nas residências, como meio de educação formal e não formal. No entanto, verificamos que, especialmente os agricultores, não reconhecem ainda na Internet um espaço de qualificação profissional.

Palavras-chave: tecnologias de informação e comunicação; juventude rural; inclusão digital.

ABSTRACT

Graduation Final Work
Social Communication – Public Relation
Federal University of Santa Maria, RS, Brazil

THE INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES ACCESS AMONG RURAL YOUTH OF WESTFÁLIA – RS

Author: Maica Lauana Cord

Adviser: Clarissa Schwartz

Date and Place: Santa Maria, December 15, 2016.

In this final work we have examined the access of information and communication technologies (ICTs) in the rural scope and its influences at school education and professional development to the youth of the rural area from Westfalia, Rio Grande do Sul. Settled in Vale do Taquari, the city has the primary production as its main economical source and develops a program of digital inclusion in the rural area. As methodological procedure, a describing exploratory qualitative research, a bibliographic revision and an observed interview have been made. Based on interviews accomplished with 26 young adults (age: 18-28 yr) living in the rural area of Westfalia, we analyzed the connection of this group with the Internet. The principal concepts supporting this research are rural youth (REDIN ET AL., 2013; SCHWARTZ, 2012), rural communication (BORDENAVE, 1988), and information and communication technologies (SILVEIRA, 2003; VIERO, 2009; SCHWARTZ, 2007; CABRERA, 2012; GUIMARÃES, 2014). As a result, we identified that the network potentialities, mentioning professional development environment, are advantageously exploited by young adults as houses of the rural area have being provided by Internet access, in formal and informal ways. We also verified, though, that most of rural youth do not recognize the internet environment as a tool to learn and improve professional skills.

Keywords: information and communication technologies; rural youth; digital inclusion.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Westfália tem traços das culturas alemã e holandesa.....	37
FIGURA 2 - Distância de Westfália a Caxias do Sul e Westfália a Porto Alegre.....	38
FIGURA 3 - Localização da localidade rural de Linha Paissandu – Westfália (RS) ..	39
FIGURA 4 - Projeto de Lei Nº 701/2009.....	42
FIGURA 5 - Agendamento da entrevista via Facebook	44
FIGURA 6 - Agendamento da entrevista via Whatsapp	44

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Percentual de domicílios brasileiros sem acesso à Internet, por motivos para a falta da tecnologia.....	24
TABELA 2 - Proporção de indivíduos que usaram a Internet no telefone celular nos últimos três meses.....	25
TABELA 3 - Proporção de indivíduos que usaram a Internet por dispositivo utilizado para acessar a rede.....	25
TABELA 4 - Proporção de domicílios com microcomputador.....	26
TABELA 5 - Proporção de domicílios com microcomputador com acesso à Internet	26
TABELA 6 - Proporção de indivíduos com telefone móvel para uso pessoal.....	26
TABELA 7 - Proporção de indivíduos que já acessaram a Internet	29

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de perguntas.....	66
APÊNDICE B – Transcrição das Entrevistas.....	67

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A - Projeto de Lei Nº 641/2009.....	81
ANEXO B – Projeto de Lei Nº 676/2009.....	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 POLÍTICAS PÚBLICAS E TICs NO MEIO RURAL	16
1.1 COMUNICAÇÃO E MEIO RURAL	16
1.2 TICs NO BRASIL	22
1.3 O ACESSO ÀS TICs NO MEIO RURAL BRASILEIRO	27
1.4 POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO DIGITAL NO MEIO RURAL BRASILEIRO	30
1.5 JUVENTUDE RURAL E TICs	33
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	36
2.1 OBJETO DE ESTUDO	36
2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	40
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	46
3.1 ACESSO À INTERNET	46
3.2 INCLUSÃO SOCIAL	48
3.3 OS USOS DA INTERNET	52
3.4 FORMAÇÃO PROFISSIONAL	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	63

INTRODUÇÃO

As tecnologias de informação e comunicação transformam-se constantemente. Aparelhos então vistos como modernos tornam-se defasados em pouco tempo, e, portanto, carecem de constante atualização. Nesse cenário, a Internet encontra-se como a tecnologia mais revolucionária, potencializando o uso das TICs em diversos campos, principalmente nas relações humanas com a criação de *e-mail*, comunidades virtuais, redes sociais, aplicativos, entre outros.

Mas as novas tecnologias ainda não contemplam a maior parte da população. Especialmente no meio rural, muitos moradores ainda não possuem acesso a elas. Questões como a falta de alfabetização digital e a ausência de conectividade são os principais motivos apontados (VIERO, 2009). Foi essa realidade do meio rural perante às tecnologias de informação e comunicação que instigou a realização da pesquisa “**O acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) entre os jovens rurais de Westfália – RS**”.

Deste modo, a pesquisa apresenta o **tema** “acesso às tecnologias de informação e comunicação no âmbito rural”, no qual a **delimitação do tema** enfoca o acesso entre jovens nas localidades rurais do município de Westfália – RS. Em 2009, a Câmara de Vereadores de Westfália aprovou os projetos de lei números 641, 676 e 701, autorizando o município a firmar convênio com a Cooperativa Regional de Eletrificação de Teutônia Ltda. – CERTEL - para execução dos serviços de implantação de rede de acesso à Internet em todo âmbito rural da cidade.

Desta forma, os moradores que antes não tinham acesso à internet em suas casas, devido à falta de conectividade, passaram a usufruir desta nova tecnologia através de investimentos em políticas públicas.

O trabalho apresenta como **problema** de pesquisa: qual a relação entre o acesso às TICs e a formação escolar e profissional dos jovens rurais de Westfália-RS? O **objetivo geral** consiste em investigar a relação entre o acesso às TICs e a educação escolar e formação profissional dos jovens no âmbito rural. Como **objetivos específicos** elencamos: a) identificar as formas de acesso à Internet entre os jovens rurais; b) observar os principais usos dessa tecnologia entre os entrevistados e c) verificar se o acesso à Internet contribui para a inclusão social dos jovens rurais.

A pesquisa justifica-se por buscar uma aproximação com uma parcela da população que, na maioria das vezes, é esquecida e deixada de lado pelos comunicadores sociais, já que os cursos de Comunicação Social pouco instigam seus acadêmicos a refletirem sobre as pessoas residentes no meio rural.

Para o campo das Relações Públicas, o trabalho é importante, pois instiga um novo nicho de atuação profissional. Com o crescente desenvolvimento rural, as instituições percebem, gradativamente, que não há dicotomia entre o meio rural e o meio urbano. A população residente no campo está cada vez mais inserida na sociedade e, por isso, necessita de acesso à informação seja para a tomada de decisões, que visam o pleno exercício das funções agrícolas, bem como para entretenimento, trabalho e relações sociais. Uma forma de agilizar este relacionamento consiste em investigar a relação deste público com as TICs, para que, assim, as novas tecnologias sejam um meio de comunicação entre empresas e comunidades. A agropecuária também tornou-se um setor que sustenta economicamente o desenvolvimento do país e, portanto, cria condições de trabalho que antes eram inimagináveis aos profissionais da nossa área.

Para mim, pesquisar este tema é relevante pela proximidade com o objeto de estudo, pois sou moradora da cidade de Westfália, numa de suas localidades rurais, e passei pela circunstância de não ter possibilidade de acesso à internet em casa até meus 17 anos de idade. Esta realidade também foi vivenciada por outros jovens da localidade. Deste modo, a pesquisa me desperta interesse e curiosidade. Com o TCC, tenho a oportunidade de retornar ao município e analisar a questão a partir de um olhar mais técnico e crítico.

A metodologia utilizada para a compreensão desta pesquisa é a qualitativa exploratória descritiva (MARCONI; LAKATOS, 2003; GIL, 2008), que tem como técnicas de pesquisa a entrevista, a observação participante e a revisão bibliográfica (MARCONI; LAKATOS, 2010; GIL, 2008).

O trabalho estrutura-se em três capítulos. O primeiro “Políticas Públicas e TICs no meio rural” apresenta a relação entre a comunicação e o meio rural especialmente a partir de Bordenave (1989) e Freire (2015) e também mostra dados, especialmente do Comitê Gestor de Internet no Brasil, que permitem visualizar a expansão das TICs no Brasil rural e urbano. O capítulo também aborda a relação entre a juventude rural e as tecnologias de informação e comunicação.

O segundo capítulo intitulado “Procedimentos Metodológicos” apresenta todas as etapas da pesquisa. Descrevemos o objeto de pesquisa e detalhamos como foram selecionados os entrevistados, a forma de agendamento e realização das entrevistas.

E, por fim, o terceiro capítulo “Resultados e Discussão” apresenta os resultados da pesquisa em quatro eixos: “Acesso à Internet”, “Inclusão social”, “Usos da internet” e “Formação Profissional”.

1 POLÍTICAS PÚBLICAS E TICs NO MEIO RURAL

Neste capítulo, abordamos o atual cenário rural brasileiro, suas transformações, avanços e atividades desenvolvidas. Para isso, nos reportamos a autores como Silva (2002) e Schneider (2009). Em seguida, discutimos as formas hegemônicas de transferência de tecnologias na agricultura, além de conceitos como informação agrícola e comunicação rural, a partir de Bordenave (1988) e a crítica ao modelo difusionista, por Freire (2015). Além disso, são analisados os incentivos ao desenvolvimento de políticas públicas para a universalização da Internet. Para tal, apresentamos pesquisas de Silveira (2003), Viero (2009), Schwartz (2007), Cabrera (2012), Guimarães (2014) e dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil (2014; 2015;). Por fim, debatemos a relação entre o jovem rural e as novas tecnologias, através dos autores Schwartz (2012) e Redin et al. (2013).

1.1 COMUNICAÇÃO E MEIO RURAL

Conforme Silva (2002), é errôneo afirmar que o meio rural é majoritariamente agrário, e que o emprego rural, principalmente ligado à população residente nas zonas rurais, é gerado apenas pela produção agropecuária. As atividades de prestação de serviços, comércio e indústria correspondem cada vez mais à nova dinâmica populacional do meio rural brasileiro.

Atualmente, grande parte da agricultura do país é entendida pelo conceito de *agribusiness* ou agronegócio. A atividade está sendo influenciada por diversos atores sociais, e não somente pelos agricultores. Segundo Schneider (2009, p. 35), “aquela ideia de associar o rural ao atrasado, ao isolamento ou a tradição e o urbano ao progresso, à integração e à modernidade perderam seu sentido”.

Assim, temos atores sociais que vivem com base na agricultura e dela tiram seu sustento, mas também atores sociais que vivem no meio rural, mas não são agricultores. Por isso, o meio rural brasileiro começa a ser percebido através de dimensões culturais e simbólicas. Nesse sentido, todos os atores podem se mobilizar em prol do território, e não somente o agricultor rural (SCHNEIDER, 2009).

Há mudanças de caráter cognitivo na percepção de como esses atores sociais veem o meio rural e nele atuam. Entender as ruralidades consiste em compreender sua heterogeneidade. As territorialidades são os espaços para pensar

a articulação entre escalas regionais, locais e a globalização; o desenvolvimento que, além da parte econômica, tecnológica e produtiva, precisa pensar na parte cultural e ambiental por uma nova perspectiva, mais atual e contemporânea (SCHNEIDER, 2009).

No meio rural, os processos sociais, as dinâmicas econômicas como a produção e a tecnologia, e os traços culturais estão integrados à sociedade contemporânea. Antigamente, o urbano era visto como mais desenvolvido do que o rural, como algo superior, no qual a indústria tinha mais destaque do que a agricultura. Hoje em dia esta percepção é inadequada.

Por essa razão, Schneider (2009, p. 45) salienta que “a aceleração das trocas e das interações entre o rural e o urbano abre também novas possibilidades, como por exemplo, o incremento dos serviços, do turismo e da pluriatividade das famílias”. Atualmente, as relações entre rural e urbano se misturam, se confundem.

Com a globalização, a identidade do morador rural não é mais só aquela do agricultor.

O rural passaria a ser uma categoria identificável a partir do modo como seus atores constroem sua relação e suas representações simbólicas com o espaço. Assim é usado por vários atores (humanos e não-humanos), portanto há um rural-híbrido ou heterogêneo de sentimentos atribuídos ao rural (SCHNEIDER, 2009, p. 42).

O conceito de “ruralidade” atualmente foi redefinido visando mudanças socioeconômicas e demográficas. Além das questões de paisagem e do natural, percebem-se mudanças vinculadas à cultura e à identidade. Sua heterogeneidade abarca questões como novas tecnologias, fluxos de comunicação e novo jeito de interagir (SCHNEIDER, 2009).

Define-se sistema de produção a combinação dos fatores terra, capital, trabalho e administração (tecnologia) da forma que cada agricultor achar mais conveniente (BORDENAVE, 1988). Junto a esse sistema de produção há a informação, fator indispensável para o agricultor tomar decisões para o melhor uso de sua terra, tipos de criações, emprego de mão-de-obra, utilização de tecnologias, entre outros fatores. Sem acesso à informação, o agricultor está sujeito à improvisação.

Por isso, surge a Informação Rural, a qual objetiva facilitar as decisões dos agricultores e promover o desenvolvimento rural para esta população. Segundo

Bordenave (1988, p. 21), “a função básica da informação é reduzir ao mínimo possível o caráter aleatório da agricultura, fornecendo ao produtor guias seguros e confiáveis para suas decisões”.

Em São Paulo, os primeiros sinais de uma comunicação mais dirigida ao agricultor se iniciaram em 1899, quando foi promulgada a Lei Nº 676, que incumbiu a Secretaria da Agricultura a coordenar e distribuir publicações oficiais sobre agricultura, bem como publicar uma revista sob o título Boletim da Agricultura (BORDENAVE, 1988).

O apogeu da informação agrícola, cuja principal característica era a comunicação unilateral e vertical -- de cima para baixo, ou seja, de um centro produtor de mensagem para um público rural receptor disperso e passivo --, ocorreu nas décadas de 1940 e 1950, quando o Ministério da Agricultura possuía um poderoso Serviço de Informação Agrícola.

O SIA foi responsável pela ampla disseminação de informações por meios de difusão em massa, como imprensa e rádio. O sistema também teve sua própria emissora, a Rádio Rural, e no cinema chegou a produzir cerca de 350 filmes, que eram exibidos em circuitos nacionais (BORDENAVE, 1988).

O objetivo fundamental da informação agrícola e da informação rural era a difusão de inovações tecnológicas que incrementassem a produção e a produtividade da agricultura. Tanto uma como outra apelavam não só para a informação e a instrução, mas também para a *persuasão*, visto que a meta era conseguir mudanças de comportamento nas pessoas (BORDENAVE, 1988, p. 28).

No final dos anos 1950, o SIA cedeu lugar à Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR), que objetivava reduzir a difusão direta da informação através dos meios de comunicação de massa e apoiar o contato pessoal -- o extensionismo. A entidade filiada era a Associação de Crédito e Assistência Rural (ACAR), que em cada estado executava as atividades de extensão rural.

Nos anos 1970, a ABCAR foi substituída pela Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (Embrater), vinculada ao Ministério da Agricultura. Nos estados, as entidades filiadas transformaram-se em Empresas de Assistência Técnica e Extensão Rural (Ematers), vinculadas às Secretarias de Estado de Agricultura.

A partir deste período, temos a Comunicação Rural como forma de contatar os agricultores, desenvolvendo um diálogo participativo em que o agente de extensão é coparticipante, e não mais aquele padrão vertical citado anteriormente.

O desenvolvimento rural caracteriza-se por um progresso econômico apoiado no aperfeiçoamento técnico e das pessoas, comunidades, regiões. Portanto, a forma como a Comunicação Rural se desenvolverá numa determinada região dependerá dos modelos de desenvolvimento adotados.

Por exemplo, o Modelo de Desenvolvimento Difusionista caracteriza-se pela introdução de novas ideias e (pacote de) técnicas com a finalidade de aumentar a produção agrícola, e assim essas inovações são difundidas para que os agricultores as adotem. Segundo Bordenave (1988, p. 32) “no modelo difusionista, o objetivo fundamental é encurtar o tempo que geralmente intermedeia entre o lançamento de uma inovação pelos centros de pesquisa e sua adoção generalizada pelos agricultores”. No difusionismo, a forma de comunicação é a Informação Agrícola, a qual visa informar, persuadir, divulgar exemplos bem-sucedidos para que os agricultores adotem a inovação. O principal meio utilizado foram as campanhas (BORDENAVE, 1988).

No entanto, surgiram críticas a esse modelo e suas políticas direcionadas aos agricultores. Entre elas, a do educador Paulo Freire, que parte do pressuposto de que “não há, realmente, pensamento isolado na medida em que não há homem isolado” (FREIRE, 2015, p. 84).

Diante disso, o ato de pensar necessita de um sujeito pensante e um objeto pensado, e a comunicação entre eles se dará através de signos linguísticos, a qual necessita o total empreendimento da técnica empregada ao objeto, tanto por parte do camponês como do agrônomo. O sujeito que pensa não pode fazê-lo sozinho, se faz necessária a presença de outro sujeito, correspondente à expressão de companhia. Assim, há uma coparticipação de outros sujeitos para pensar o objeto. Segundo Freire (2015, p. 85) “esta coparticipação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação”. Para o autor, a educação é comunicação, é diálogo problematizador, e não apenas uma transferência ou transmissão de conhecimentos.

A “estrutura dialógica” exige que o camponês questione, reflita sobre as técnicas apresentadas pelo técnico, resultando num encontro de sujeitos interlocutores que buscam entender a significação dos significados (FREIRE, 2015).

“E isso só se dá na comunicação e intercomunicação dos sujeitos pensantes a propósito do pensado, e nunca através da *extensão* do pensado de um sujeito até o outro” (FREIRE, 2015, p. 88, grifo do autor). Este diálogo problematizador é importante, pois o significado de extensão passa a ser o mesmo para o técnico e os camponeses, diminuindo assim a distância que existia entre ambos.

Por isso, Freire (2015) aponta um equívoco no conceito de extensão, que se fundamentava apenas em estender conhecimentos técnicos aos camponeses, em vez de instigá-los a problematizar as técnicas apresentadas para que se tenha de fato um conhecimento, uma compreensão mútua de todos os interlocutores envolvidos. “Só assim se dá a comunicação eficaz e somente através dela pode o agrônomo exercer com êxito o seu trabalho, que será coparticipado pelos camponeses” (FREIRE, 2015, p. 92).

O Modelo dos Pacotes verificou uma deficiência da infraestrutura, na qual o produtor é mal pago para beneficiar os moradores do meio urbano, pois são estes que possuem um maior poder político. Mesmo que o agricultor queira investir em fertilizantes, sementes melhoradas, maquinários eficientes para melhorar sua produção, o preço elevado muitas vezes não permite, pois não deixa margem de lucro. Por isso, este modelo defende que um pacote de serviços precisa ser colocado ao alcance do agricultor. A comunicação teria que manter sua função tradicional, que consiste na difusão de inovações, cujo modelo responsável é o difusionista, e seria responsável por intercomunicar as instituições envolvidas no programa de pacotes (BORDENAVE, 1988).

O Programa de Desenvolvimento Rural Integrado (PDRI), desenvolvido pelo Banco Mundial entre 1978 e 1986, que tinha como principal objetivo aumentar a renda dos pequenos produtores rurais e das pequenas empresas não agrícolas, bem como melhorar a qualidade de vidas das famílias rurais (PROJETO COOPERAR, 2016) é resultado deste modelo desenvolvimentista, que inclui a comunicação ao produtor e a comunicação “de baixo para cima”, dos produtores rurais para as instituições envolvidas. Desta forma, é no Modelo de Pacotes que há a inversão do fluxo informativo, passando da Informação Agrícola para a Comunicação Rural (BORDENAVE, 1988).

O Modelo de Organização/Participação defende que a população rural deve envolver-se e decidir quais os melhores modelos de desenvolvimento rural que devem ser empregados: desde a transferência de tecnologias até a política de

urbanização e industrialização. Segundo Bordenave (1988, p. 41) “o espaço rural deve ser revalorizado, argumentam, através da descentralização da população, das indústrias e dos serviços públicos, hoje concentrados desproporcionalmente nas cidades”. Neste modelo, a Comunicação Rural torna-se uma aliada para a organização dos agricultores, facilitando a expressão de suas demandas e opiniões. Os agricultores começam a adquirir experiência no uso dos meios de comunicação grupal e de massas.

O Modelo de Transformação Estrutural defende uma mudança social, que consiste numa alteração drástica de poder, substituindo as atuais classes dominantes pelo poder popular. Segundo Bordenave (1988, p. 43) “a meta final do modelo de transformação estrutural é a colocação do Estado a serviço real de toda a população, resgatando-o de sua atual aliança com as classes privilegiadas”.

É neste modelo que a Comunicação Rural adquire sua máxima expressão de diálogo participativo, na qual a comunicação retoma a identidade da cultura popular, com manifestos de canções, lendas, contos, danças, jornal comunitário, jornal mural, entre outros meios.

Por fim, há a Transferência de Tecnologia que consiste na comunicação de conhecimentos. A pessoa que sabe transmite, através de palavras ou outros meios, seus conhecimentos para que os outros obtenham o conhecimento do uso correto da tecnologia num determinado sistema de produção. Muitas vezes é usado o estímulo da recompensa (BORDENAVE, 1988).

Três etapas integram a aprendizagem do agricultor de forma inteligente: primeiramente a descritiva, na qual o agricultor distingue os elementos que compõem a técnica. Após a compreensão, há o entendimento ou a base teórica, ou seja, os princípios para a prática. E, por último, o domínio, no qual o agricultor maneja as operações que a técnica exige. O objetivo é que o agricultor compreenda a técnica para que não fique algo robotizado (BORDENAVE, 1988).

A Comunicação Rural sempre deve levar em conta o estágio tecnológico em que os agricultores se encontram para então formular um programa educativo ou de mudança. Segundo Bordenave (1988, p. 56) “Quando se ignora o estágio tecnológico e suas relações com outros aspectos do desenvolvimento, as consequências são desemprego, boias frias, fome, êxodo rural e suas sequelas de favelização de cidades, criminalidade, prostituição, e tensões sociais”.

No entanto, persiste no meio rural a in-comunicação caracterizada pelo analfabetismo e baixo nível de instrução da população. Com uma exaustiva carga horária diária de trabalho, os moradores do meio rural, ao chegarem em suas casas, preferem descansar a visitar os vizinhos. Também há uma in-comunicação pela diferença de classe entre patrões e trabalhadores, famílias e clãs (BORDENAVE, 1988).

1.2 TICs NO BRASIL

Nos últimos trinta anos as novas mídias -- telefone celular e computador -- ganharam espaço em escala mundial. Desta forma, pensar em mídia não corresponde mais somente às estruturas verticalizadas como as grandes mídias tradicionais, cujo conteúdo parte dos grandes centros urbanos, que concentram a produção, gestão e capital do setor (DEPONTI; FELIPPI; DORNELLES, 2015).

O que se percebe é que, enquanto os meios tradicionais empregavam uma comunicação linear e unidirecional, na lógica de uma organização pública ou privada para uma sociedade de massa, os “novos meios” se deslocam para o uso de qualquer indivíduo, estando ele em alguma organização ou não (GUIMARÃES, 2014). No entanto, a autora ressalta que isso não significa que haja uma autonomia e independência do sistema (GUIMARÃES, 2014).

Tecnologias como a Internet, desde a criação, possuíam as atribuições de intercambiar dados e informações, mas com o seu crescente avanço e comercialização, passaram a ser uma mídia de comunicação de massa, bem como de comunicação pessoal e interpessoal (GUIMARÃES, 2014). Ainda de acordo com Guimarães (2014, p. 120) a Internet “atualmente, conjuga, em seus processos tecnológicos, diversas mídias -- rádio, televisão, jornal, entre outras --, e também mídias sociais de uso particular do indivíduo”.

Outro exemplo de tecnologia, além das tradicionais, que se hibridiza com a Internet é o telefone celular, que apesar de ser considerado um suporte técnico, também caracteriza-se por ser uma mídia que medeia as interações sociais (GUIMARÃES, 2014). Porém, seu gradual aprimoramento possibilitou ser suporte técnico também para o acesso à Internet, acoplando mídias de uso pessoal. Em tempos de sociedade da informação, o telefone celular é o aparelho que mais se difundiu entre a população (GUIMARÃES, 2014). Desta forma, segunda a autora,

Essas características de pessoalidade e individualização de informações e conteúdos simbólicos oferecidos pelas novas tecnologias têm impulsionado as mídias tradicionais a se transformarem em mídias de uso pessoal, como consequência de um novo consumidor que o próprio mercado ajudou a criar (2014, p. 120).

O acesso aos meios de comunicação como internet, telefonia móvel e televisão por satélite resultaram no que hoje denominamos de Sociedade da Informação (SILVEIRA, 2003). Para os idealizadores dessa Sociedade, os canais para a inclusão digital podem ser definidos como aqueles que se ocupam dos negócios (*e-commerce*), aqueles que conectam domicílios, escolas e ainda os utilizados pelo governo (SILVEIRA, 2003). Assim, “abolir distâncias espaciais e oportunizar acesso universal às TICs são promessas dessa nova configuração da sociedade” (VIERO; SILVEIRA, 2011, p. 261).

O Grupo de Trabalho Cidades Digitais da Sociedade da Informação no Brasil, considera que as TICs podem ser vistas como um “estado avançado da comunidade virtual, no qual o cidadão se faz o principal ator na produção, gestão e usufruto dos benefícios da Sociedade da Informação” (SILVEIRA, 2003, p. 18). Contudo, as TICs revelam desafios enquanto condições concretas de implantação da Sociedade da Informação. No Brasil a exclusão digital é preocupante para a efetiva universalização das novas tecnologias (SILVEIRA, 2003).

Entre as tecnologias existentes, a mais revolucionária atualmente é a Internet, na qual há uma independência entre estar presente virtualmente e fisicamente (THORNTON, 2003). Confundem-se as noções de tempo e espaço. Encurtam-se as distâncias entre empresa e indivíduo.

Conforme Cabrera (2012, p. 14) “o acesso a essas tecnologias torna possível a conexão, em tempo real, desde o mais urbanizado até o mais remoto cidadão, transformando-os em cidadãos do mundo, já que podem acessar as mesmas informações sem sequer deixar suas residências”.

Em 2015, a Internet comercial completou 20 anos de funcionamento no país, ocasionando uma série de discussões sobre o acesso e sua universalização, bem como sobre o uso da rede mundial de computadores. A Internet transformou a forma do indivíduo se relacionar, estudar, trabalhar, mas mesmo assim, ainda exclui grande parte da população.

Segundo dados do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC), que há dez anos monitora a disponibilidade de acesso à Internet nos domicílios da população brasileira, em 2005, 17 por cento dos domicílios urbanos possuíam computador e 13 por cento dispunham de conexão à Internet (PANORAMA SETORIAL DA INTERNET, 2016).

Em 2015, o estudo mostrou que mais de 50 por cento dos domicílios localizados na área urbana possuíam acesso à Internet, enquanto que no meio rural este número caía para 22 por cento dos domicílios. Em vista disso, é preciso refletir sobre o que falta para conectar o restante da população brasileira.

Tabela 1 – Percentual de domicílios brasileiros sem acesso à Internet, por motivos para a falta da tecnologia:

	Custo elevado	Falta de computador no domicílio	Falta de interesse	Por falta de necessidade	Falta de habilidade ou por não saberem usar a internet	Falta de disponibilidade do serviço na área
ÁREA URBANA	60%	49%	52%	49%	39%	23%
ÁREA RURAL	59%	55%	48%	50%	50%	53%

Fonte: CGI, 2015

A Tabela 1 considera os motivos alegados pelos domicílios desconectados para não possuir acesso à Internet. O custo elevado é o principal motivo citado tanto pela população urbana quanto pela população rural, seguido pela falta de computador e de disponibilidade do serviço por parte da população rural.

O alto custo para a população ter acesso à Internet em casa pode acarretar numa busca por formas alternativas de acesso. Segundo a pesquisa TIC Domicílios 2014, realizada entre novembro de 2015 e junho de 2016, 16 por cento da população urbana e 21 por cento da população rural que possuem acesso à Internet nos domicílios compartilham o acesso com vizinhos (PANORAMA SETORIAL DA INTERNET, 2016).

Conforme os resultados da pesquisa TIC Domicílios 2015, na região sul do país, 27 por cento das residências justificam a ausência de Internet da falta de disponibilidade do serviço na área (CGI, 2015).

Ao contrário do computador, que ainda encontra dificuldades para entrar na casa dos brasileiros, o celular tem conquistado cada vez mais espaço entre os internautas. A pesquisa TIC Domicílios 2014 revelou que o acesso à Internet através de *smartphones* triplicou no Brasil em três anos (CGI, 2014) (Tabela 2).

Tabela 2 – Proporção de indivíduos que usaram a Internet no telefone celular nos últimos três meses:

Ano	2011	2012	2013	2014
Percentual de usuários	15%	20%	31%	47%

Fonte: CGI, 2014

Considerando o total de usuários de Internet no Brasil, 20 por cento acessam pelo telefone celular e 24 por cento pelo computador. Outros 56 por cento dos usuários acessam Internet por ambos os aparelhos (Tabela 3).

Tabela 3 – Proporção de indivíduos que usaram a Internet por dispositivo utilizado para acessar a rede:

Dispositivo de acesso	Percentual de usuários
Somente celular	20%
Somente computador	24%
Celular e computador	56%

Fonte: CGI, 2014

De acordo com dados da PNAD 2015, caiu o número de domicílios com microcomputador (Tabela 4).

Tabela 4 - Proporção de domicílios com microcomputador:

Ano	2014	2015
Percentual de domicílios	48,5%	46,2%

Fonte: IBGE, 2016

Tabela 5 – Proporção de domicílios com microcomputador com acesso à Internet:

Ano	2014	2015
Percentual de domicílios	42,1%	40,5%

Fonte: IBGE, 2016

Segundo dados do IBGE (2015), houve uma redução no total de domicílios que possuem microcomputador – de 32,5 milhões em 2014 para 31,4 milhões em 2015, o que representa uma queda de 3,4 por cento. Destes, 27,5 milhões possuíam acesso à Internet em 2015, uma redução de 1,6% em relação ao ano anterior. Isso ocorre devido ao aumento no número de usuários de telefone celular -- *smarthphones* -- que possibilitam acesso à Internet. Nota-se um avanço no número de usuários de Internet de 54,4 % em 2014 para 57,5% em 2015, isso acontece devido ao aumento de acesso através de outros equipamentos e em outros locais que não o domicílio (IBGE, 2016) (Tabela 6).

Tabela 6 – Proporção de indivíduos com telefone móvel para uso pessoal:

Dispositivo de acesso	2015
10 anos ou mais	78,3%
25 a 29 anos	89,8%
Mulheres	78,9%
Homens	77,6%
Crianças de 10 a 14 anos	54,1%

Fonte: IBGE, 2016

Entre as atividades desenvolvidas por usuários de Internet que a utilizam somente através do computador estão o envio e recebimento de e-mails, a procura por informações de produtos e serviços e a leitura de jornais, revistas ou notícias. Já entre as atividades desenvolvidas pelos usuários de Internet através de telefones celulares podemos destacar a troca de mensagens de texto via aplicativos de redes sociais, como o *WhatsApp*. Os usuários que acessam Internet em ambos dispositivos realizam uma variedade maior de atividades (PANORAMA SETORIAL DA INTERNET, 2016).

Dessa forma, de acordo com Guimarães (2014, p. 185),

A presença dos meios de comunicação alterou o cotidiano dos indivíduos, integrando-se ao seu contexto e à sua rotina, e, ambos – meios e indivíduos – alteram o processo de recepção dos conteúdos e formas simbólicas transmitidos, resultando em uma ampla relação que vai além do consumo, gerada pela apropriação dessas tecnologias e seus conteúdos.

Em vista disso, as TICs se inserem na vida da população, nas quais fazem parte do seu cotidiano e expandem as possibilidades de acesso a conteúdo e formas simbólicas, e, a partir da sua realidade sócio-histórica, o indivíduo lhes confere significado, ou as adapta ao seu contexto e interesse (GUIMARÃES, 2014).

1.3 O ACESSO ÀS TICs NO MEIO RURAL BRASILEIRO

Nas últimas três décadas, o meio rural passou por transformações em seu sistema de produção, comercialização e relações sociais (VIERO, 2009). Essas mudanças acarretaram na necessidade da população que vive no campo também ter acesso às novas tecnologias de informação. De acordo com Viero e Silveira (2011, p. 260) “as novas tecnologias permitiram a integração de vários modos de comunicação em uma rede interativa. Aspectos como alcance global, integração e interatividade são características fundamentais das TICs”. De acordo com Guimarães (2014, p. 122) “as novas mídias, além disso, tornam todos emissores e receptores e, portanto, a transformação social ou econômica não fica limitada às conformidades e interesses de um único agente”.

Na década de 1990, o acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) fomentou especulações a respeito de suas vantagens, como a abolição das distâncias espaciais e a aceleração do tempo (SILVEIRA, 2003).

Uma miríade de novas perspectivas para a vida social faz com que as TICs tenham passado a prometer possibilidades que no passado apenas os mitos poderiam aventajar possuí-las. Deslocamentos simultâneos, fácil intercâmbio de mensagens, comunicação anódina e isenta de restrições que o contato face a face consagrara são algumas das prometidas vantagens, que eram vislumbradas utopicamente pelo desenvolvimento rural (SILVEIRA, 2003, p. 15).

O período também é caracterizado pela ascensão do empresário rural, que administra o próprio negócio agrícola e começa a estar mais conectado com as novas tecnologias. Mas ainda assim, o meio rural apresenta dificuldades no acesso às novas tecnologias, como sinais precários de Internet. Desse modo, há uma “brecha digital” na relação do espaço urbano com o rural (DEPONTI; FELLIPI; DORNELLES, 2015).

Viero (2009) salienta que o meio rural não pode mais ser considerado como um território isolado. Desta forma, produtores rurais possuem o mesmo direito ao acesso à informação, teatro, cinema, que um morador do meio urbano. Nesse sentido, Schwartz (2007, p. 17) afirma que “a informação, mais do que um recurso, é um direito de qualquer cidadão”. Sobre o isolamento no meio rural, Guimarães (2014, p. 126) afirma que,

Se os meios tradicionais de comunicação haviam promovido a disjunção do tempo e espaço, as novas tecnologias acabam por contrair essas dimensões de tal maneira que lugares distantes puderam ser alcançados, do mesmo modo que grandes quantidades de informações passaram a ser comprimidas em códigos e números, e transformadas em formato digital para circularem com velocidade em tempo real. Assim, os indivíduos ampliaram também a sua capacidade de interagir com outros distantes, mesmo estando em lugares geograficamente ‘isolados’.

Assim, as novas tecnologias possibilitam que as instituições se comuniquem de forma diferenciada e integradora com seu público, de forma mais acelerada e versátil. Desta forma, notamos que no contexto de desenvolvimento, as novas mídias possuem distintas funções no cotidiano dos agricultores familiares. Por isso, ao considerarmos o desenvolvimento rural como um complexo que depende de dimensões -- econômicas, políticas e sociais -- para que haja uma mudança social,

as novas tecnologias são formas de ampliar o acesso, bem como para a autonomia dessa população em seus contextos originários (GUIMARÃES, 2014).

Silveira (2003) cita como exemplo um portal de pequenos e médios produtores que cria um canal de comunicação com seu público para comercializar produtos, discutir condições e acompanhar o desempenho de seus concorrentes. A autora explica que essa prática consiste na extensão ciberespacial, prática bastante desenvolvida no sul do país, e aponta o cenário dos movimentos sociais do meio rural é onde o fenômeno apresenta melhores condições de estudo (SILVEIRA, 2003).

Se esta mídia se apresenta como uma alternativa importante para os movimentos sociais, via de regra excluídos das mídias hegemônicas, é nas regiões rurais e empobrecidas que elas aparecem crescer em sua dimensão integradora da contemporaneidade social (SILVEIRA, 2003, p. 25).

Silveira (2003) também destaca as possibilidades criadas pelas TICs para o desenvolvimento rural, como o acesso às estimativas de safra e desempenho de bolsa de valores e *commodities*, serviços bancários, ampliação de horizontes e incorporação de expectativas, políticas públicas, dados de mercado, cooperativas de crédito e produção, educação à distância e assistência técnica.

Assim, as tecnologias de informação e comunicação contribuem para que a população que reside no meio rural tenha acesso às oportunidades antes restritas apenas à população urbana em função das distâncias e dificuldades de deslocamento. Deste modo, Cabrera (2012, p. 21) destaca que há “possibilidade de profissionalizar os agricultores, com o intuito de aumentar a rentabilidade dos negócios e melhorar a qualidade de vida dos agricultores”.

Apesar de toda essa potencialidade, muitos ainda não possuem acesso à Internet, acarretando a exclusão digital (Tabela 4).

Tabela 7 – Proporção de indivíduos que já acessaram a Internet

	Percentual de usuários
Área urbana	70%
Área rural	43%

De acordo com Viero e Silveira (2011, p. 261) “o aspecto infraestrutura é um dos maiores entraves à universalização do acesso à Internet, visto que ainda é um problema nas pequenas vilas e zonas rurais, e a banda larga praticamente só é acessível nos centros urbanos”.

Segundo Guimarães (2014) são poucos os agricultores familiares que possuem acesso à Internet, no qual a autora também apresenta o acesso restrito por questões de infraestrutura como empecilho e não as condições financeiras dos agricultores.

1.4 POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO DIGITAL NO MEIO RURAL BRASILEIRO

Conforme dados do Tribunal de Contas da União (TCU), que realizou um levantamento sobre as políticas públicas e os programas de inclusão digital do Governo Federal adotados no Brasil desde a década de 1990, quando é criado o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI), ocorreram diversos incentivos para melhoraria da infraestrutura de banda larga e ampliação da disponibilidade de acesso do serviço (TCU, 2015).

A pesquisa mostra que é deficitário o acesso por parte da população a conteúdos adequados na rede e a alfabetização destes usuários para o mundo digital, principalmente os residentes no meio rural (PANORAMA SETOR DA INTERNET, 2016).

Para diminuir essa lacuna, o governo e a iniciativa privada apostaram em projetos como os telecentros comunitários e as estações digitais. Além disso, o Plano Nacional de Banda Larga (PNBL), criado em 2010 pelo governo federal, estimava expandir a cobertura do serviço de Internet, elevar a velocidade de acesso e reduzir o preço aos internautas (CABRERA, 2012). No ano de lançamento do programa, o Brasil contava com 30 milhões de acessos à Internet banda larga. Quatro anos após a iniciativa, esse número chega a 218 milhões de usuários (PORTAL BRASIL, 2016). Atualmente, o governo se prepara para atualizar o PNBL, na qual visa expandir o acesso à Internet para 95 por cento da população e 70 por cento dos municípios brasileiros. Também destina-se a melhorar a conexão à rede nas escolas com o objetivo de ampliar a educação digital (PORTAL BRASIL, 2016).

Schwartz (2007) aponta que o aumento de internautas no campo poderá ocorrer de forma indireta, devido aos filhos e netos dos agricultores que hoje são estudantes e passaram a ter acesso a essa tecnologia em função dos estudos. A pesquisa realizada pela autora revelou que, em 2007, o telefone celular era a terceira tecnologia de informação e comunicação mais adotada pelos agricultores (88,53 por cento tinham acesso) e que as principais finalidades eram manter contato com a família e resolver problemas da propriedade de forma mais rápida, evitando assim longos deslocamentos. Notou-se que, na época, entre os agricultores, não havia frequente utilização de serviços como envio de mensagens e acesso à Internet pelo telefone celular.

Isso revela que, com a evolução da telefonia móvel no Brasil, os *smarthphones* (telefones celulares com funcionalidades avançadas como o acesso à Internet e a possibilidade de utilização de diversos aplicativos), podem ser a chave de entrada dos agricultores na Sociedade da Informação.

Concomitante aos benefícios gerados pelas TICs, desencadeia-se uma realidade baseada na exclusão digital; o Brasil agrava esta problemática devido à tardia preocupação com as políticas públicas de infoinclusão, principalmente no meio rural brasileiro (SILVEIRA, 2003). Esbarra-se em problemáticas como a falta de conexão em certas áreas do meio rural, a falta de alfabetização digital do agricultor rural, que, em função da baixa escolarização, não possui conhecimentos sobre como manusear um computador.

A informação é requisito básico para a tomada de decisões no meio rural, que exige planejamento prévio e conhecimento antecipado de uma série de fatores (variedades, insumos, mercado). Sendo assim, é essencial que os produtores rurais tenham acesso à informação de maneira sistemática (VIERO, 2009, 12).

Por isso, Silveira aponta que a universalização ao acesso às TICs:

Tem que superar as questões relativas aos custos de infra-estrutura, a qualificação da população em termos de alfabetização digital e sua familiarização com a Internet para, por fim, reconhecer-se a pertinência de conteúdos e aplicações atraentes (SILVEIRA, 2003, p. 22).

Outro fator que gera impasse é a ausência de conteúdos específicos para a população rural, pois grande parte é criada apenas levando em conta a população urbana, bem como, o pouco conhecimento do agricultor para manejar um

computador. Deste modo, Schwartz (2007) atenta que há um “analfabetismo digital” no meio rural.

Cabrera (2012) elenca alguns conteúdos específicos para a população residente no meio rural, e analisa as oportunidades e dificuldades que surgem quando se pretende colocar as TICs a serviço dos agricultores para atividades que reforçam funções desenvolvidas na agricultura, pecuária e turismo rural. Primeiramente, destaca o uso da Internet para que os agricultores possam acessar conteúdos referentes à informações climáticas, de mercado, comercialização de produtos e serviços e pesquisas agropecuárias. Ainda de acordo com a autora, outro conteúdo que abarca a população rural é referente às TICs e as novas formas de prestação de serviços, na qual a realização de assistências técnicas e consultorias pela Internet, evitam deslocamentos desnecessários das pessoas envolvidas na prestação do serviço.

Por fim, a utilização das TICs como redes de comunicação, onde atuam em determinada área de interesse, trocam ideias e informações em um ambiente virtual, em que, de acordo com Cabrera (2012, p. 23), “constituem um exemplo de cooperação à distância, de constituição de um vínculo com vista a criação de uma rede de indivíduos para cooperarem num objetivo comum”.

Assim, em termos de produção midiática e comunicacional vemos que o meio rural é abordado por sua dimensão produtiva, uma vez que as informações predominantes são relacionadas a agropecuária (DEPONTI; FELIPPI; DORNELLES, 2015).

Nos espaços de informação (telejornais, suplementos agrícolas, revistas especializadas), predominam os discursos emitidos pelo Estado, pelos órgãos públicos ou privados de pesquisa e pelas empresas de insumos do setor agropecuário. Ao menos nas mídias tradicionais, as populações rurais são ouvidas nas notícias normalmente para referendar esses discursos. E nos espaços de entretenimento, predomina uma produção que, mesmo segmentada, é atravessada pelo seu caráter massivo e popular, constantemente criando e reforçando estereótipos acerca do rural e de suas populações como apelo à audiência (DEPONTI, FELIPPI, DORNELLES, 2015, s.p.).

Além do acesso à Internet possibilitar informações de âmbito global aos moradores do meio rural, bem como informações a respeito das suas atividades agrícolas, também representa um meio de interação entre agricultores e extensionistas. Nesse sentido, diante das mudanças ocorridas no modelo de

extensão rural, que na atualidade requer um agente mais participativo e atento às complexidades de cada realidade, a Internet torna-se uma aliada para proporcionar esse subsídio (GUIMARÃES, 2014). No entanto, Guimarães (2014, p. 251) pontua que essa relação ainda está distante, pois “na comunicação entre extensionista-agricultor a tecnologia [internet] ainda não é empregada, portanto, no cotidiano do extensionista essa mídia se estabelece como um recurso que os coloca na condição ‘daquele que sabe’ diante do agricultor”. Entre os agricultores que possuem acesso à Internet em suas propriedades rurais, a autora observou uma autonomia do indivíduo em relação ao extensionista (GUIMARÃES, 2014).

1.5 JUVENTUDE RURAL E TICs

Nos últimos quarentas anos, o meio rural brasileiro passou por muitas transformações como uma relevante redução no número de famílias na agricultura e um aumento dos trabalhadores em atividades não agrícolas no espaço rural (REDIN ET AL., 2013). Essas transformações acarretaram numa crescente urbanização e migração dos jovens em direção à cidade.

A crescente migração do jovem rural em direção ao meio urbano se caracteriza pela busca de continuar os estudos e também pelo desejo de obter um emprego com salário fixo assegurado, bem como direitos de previdência social respeitados (REDIN ET AL., 2013).

De acordo com Schwartz (2012) uma pesquisa realizada com jovens rurais de Santa Maria (RS) revelou que o meio urbano é visto pelos jovens rurais como um leque de possibilidades, em contrapartida, o campo é percebido como um modo de vida sacrificado, difícil e com pouco retorno financeiro. Ainda segundo a autora, os jovens criticam a incerteza de renda que permeia o meio rural, visto que a atividade no campo depende das condições climáticas, em que a renda dependerá da colheita, demonstrando impaciência para aguardar a renda sazonal.

De acordo com Redin et al. a juventude rural “assume significado de um ator coletivo, relacionado a um projeto identitário que implica na dimensão da organização e luta” (2013, p. 228). Dessa forma, não refere-se apenas a seus princípios individuais, mas, o pensar e agir coletivo, em busca de uma construção da sua identidade.

Com a expansão das TICs, diversas mudanças ocorreram na forma de socialização dos jovens rurais. Atualmente, possuem acesso à informação e possibilidades de interagir diariamente com indivíduos também fora de seu convívio social. Desse modo, as festas da comunidade local deixaram de ser uma das poucas oportunidades de diversão dos jovens rurais. Através das redes sociais, eles podem entrar em contato com o mundo global, conhecer novos lugares e pertencer a grupos por questões de afinidades (REDIN ET AL., 2013).

Com o acesso às TICs, os hábitos e estilos de vida urbanos também estão fazendo parte da vida rural. De acordo com Redin et al (2013, p. 230), a Internet e o computador integram o cotidiano dos rurais:

No primeiro momento influenciam nos trabalhos escolares estendendo-se aos momentos de lazer, num segundo momento, significam um potencial de mudança na sociabilidade, antes dependentes das festas locais e hoje fundadas também na aproximação com jovens urbanos (fisicamente ou virtualmente) através das redes sociais.

As tecnologias de informação e comunicação possuem valor para os jovens, que veem nela uma forma de inserção na sociedade. Para os jovens rurais, o acesso às TICs seriam a “luz no fim do túnel”, “uma porta aberta” (SCHWARTZ, 2012, p. 70), que diminuiria a sensação de isolamento geográfico. Em vista da falta de infraestrutura, muitos jovens comparam a vida no meio rural a uma prisão, fruto da “precariedade dos serviços de saúde, da condição das estradas e da falta de opções de lazer” (SCHWARTZ, 2012, p. 69).

Desta maneira, a cada ano, é visível a queda no número de jovens que continuam a morar no meio rural. Desse modo, para a sua permanência no campo é preciso investimentos em infraestrutura, principalmente em comunicação. Aparelhos eletrônicos como celular e computador diminuíram a distância entre rural e urbano para as novas gerações, já que tudo pode ser resolvido através de uma ligação (SHWARTZ, 2012).

De acordo com Redin et al. (2013), em meados dos anos 1940 e 1950, houve uma mudança nas famílias de agricultores da região sul do Brasil, que passaram a incentivar os filhos a estudar, pois passaram a enxergar nos estudos a possibilidade das novas gerações conseguirem melhores condições de trabalho no meio urbano, e conseqüentemente, mais qualidade de vida.

Nos dias de hoje, também há um incentivo aos jovens rurais para que estudem e busquem construir sua vida fora do meio rural, visto que a agricultura é uma jornada de trabalho cansativa e que não permite folgas nos finais de semana. De acordo com Schwartz (2012), os agricultores reclamam da falta de incentivo para a permanência do jovem no campo. Este êxodo rural acarreta em consequências como a ameaça da sucessão rural e esvaziamento do seu território (REDIN ET AL., 2013).

Com a tendência de esvaziar o meio rural brasileiro e apenas uma minoria dos jovens rurais permanecerem no campo, é preciso formas alternativas de investimentos para reverter esta situação. E todas elas podem ser potencializadas através das tecnologias de informação e comunicação.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 OBJETO DE ESTUDO

Segundo dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010) o município de Westfália (RS) conta com uma população de 2.793 habitantes: 1.406 homens e 1.387 mulheres; possui uma área territorial de 62,5 km², com uma ocupação estimada em 44 hab/km². Os dados apontam que 60 por cento dos moradores vivem no campo: 1.663 westfalianos residem na área rural e 1.130 na urbana. O município faz fronteira com Imigrante, Teutônia e Boa Vista do Sul, todos localizados no Rio Grande do Sul (PREFEITURA MUNICIPAL DE WESTFÁLIA, 2011).

Westfália se emancipou do distrito de Teutônia e do município de Imigrante em 16 de abril de 1996, e instalou uma administração própria em 1º de janeiro de 2001. O município herdou o nome em homenagem aos imigrantes alemães que, em sua maioria, eram oriundos de uma região próxima à Holanda, que na atualidade integra o estado Renânia do Norte Westfália. Este povo deixou como herança o sapato de pau, o dialeto *Plattdüütsch*, muito parecida com o holandês, e a arquitetura enxaimel¹. Westfália inicia com a chegada de imigrantes alemães vindos da região de Westfália – Alemanha, e descendentes de alemães, oriundos do *Hunsrück* (IBGE, 2016).

¹ O estilo enxaimel ou Fachwerk, oriundo de “Fach” que designava o espaço preenchido com material entrelaçado de uma parede feita de caibros, é uma técnica de construção que consiste em paredes montadas com hastes de madeiras em posições verticais, horizontais ou inclinadas, cujos espaços são preenchidos por pedras ou tijolos. Outra característica do estilo é a robustez e grande inclinação dos telhados (FAMÍLIA VOLTZ, 2013).

Figura 1 – Westfália tem traços das culturas alemã e holandesa



Fonte: Prefeitura Municipal de Westfália

Atualmente, Westfália possui quatro localidades rurais: Linha Frank, Linha Schmidt, Linha Berlim e Linha Paissandu², e um bairro central.

A economia do município se baseia na produção primária, destacando-se a produção leiteira, com 18,9 milhões de litros anuais³. A suinocultura abate um total de 63 mil suínos por ano, e a avicultura de corte e de postura possui produção anual de 22,5 milhões de frangos. As famílias rurais de Westfália possuem produção diversificada e uma otimização das propriedades, colocando o município em destaque na agricultura do Estado. O município é o segundo melhor no Rio Grande do Sul em produção agropecuária por metro quadrado, o sexto município do estado que mais investe no setor primário e o segundo que mais produz por área no setor primário. Concomitante à agropecuária, Westfália possui uma forte produção industrial, representada por um frigorífico de aves e bovinos, metalúrgicas, fábricas de móveis e serraria, todas com bastante relevância no município.

Com o desenvolvimento da cidade, começam a surgir novas alternativas econômicas, como a produção de cogumelos, leite de cabra e de hortigranjeiros e a

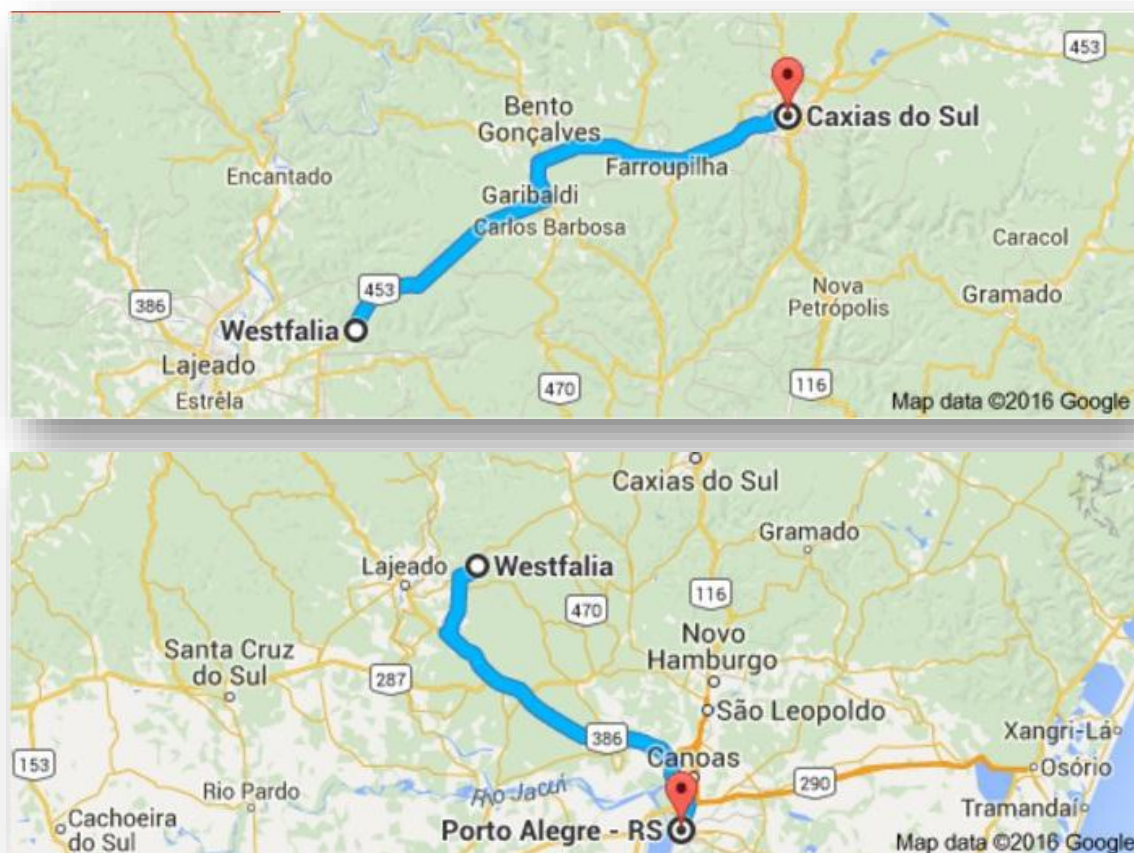
² O nome de cada localidade rural homenageia, respectivamente, os pioneiros Daniel e Jacob Frank, vindos da Alemanha em 1869. Berlim é proveniente da capital da Prússia e Alemanha, após a unificação em 1870. E Paissandu, antigamente conhecida como Picada Krupp, está ligado à siderúrgica Krupp, uma importante empresa prussiana que contribuiu para a unificação da Alemanha (IBGE, 2016).

³ A divisão econômica de Westfália consiste em agricultura (54%), indústria (38%), comércio (4%) e serviços (4%).

fruticultura. Atividades artesanais também fazem parte do cotidiano do morador westfaliano, com a produção de vassouras, cestos e balaios, sapatos-de-paus, vinhos, queijos, doces caseiros, mel, entre outros produtos artesanais.

Devido à localização geográfica estratégica e o acesso privilegiado aos principais centros consumidores -- localiza-se aproximadamente a 115 quilômetros de Caxias do Sul, Porto Alegre e Santa Cruz do Sul -- o município mostra um potencial significativo para o turismo. (Figura 2)

Figura 2 – Westfália localiza-se próximo à Caxias do Sul e também Porto Alegre



Fonte: Google Maps

A localidade rural escolhida para a realização desta pesquisa chama-se Linha Paissandu, na região Leste do município (Figura 3). A escolha justifica-se por questões de viabilidade econômica e de deslocamento para aplicação das entrevistas e observação participante e também pela relação da pesquisadora com a localidade.

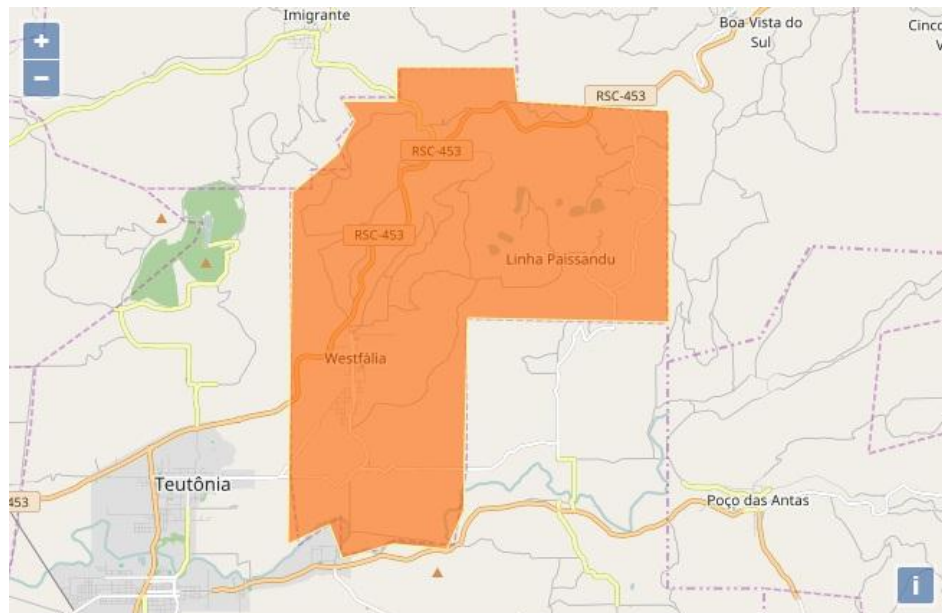
Linha Paissandu dispõe de uma escola de ensino básico, a qual abrange as séries iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano), frequentada pelas crianças da localidade. Com demasiado incentivo à continuidade da cultura alemã, neste período os alunos já possuem aulas desta língua.

Um aspecto notório da localidade refere-se ao seu potencial cultural: a comunidade possui um coral misto, um coral de mulheres, um grupo de idosos e ainda realiza o tradicional baile de *Kerb*⁴, festejado anualmente.

Linha Paissandu também é destaque no futebol amador de Westfália: possui os times Esporte Clube Palmeiras, cujo ginásio foi construído pela Prefeitura Municipal em 2007, e o Esporte Clube Guarani.

O principal sustento dos moradores de Linha Paissandu provém da agricultura familiar, na qual desenvolvem atividades agropecuárias como produção de leite, de suínos, aves e bovinos. No tempo livre, alguns agricultores desenvolvem artefatos artesanais.

Figura 3 – Localização da localidade rural de Linha Paissandu – Westfália (RS)



Fonte: IBGE, 2016

⁴ O Kerb ou Kerbfest é uma atividade característica das comunidades germânicas. Realizada com base na data de inauguração da igreja local, esta comemoração inicia-se aos domingos e se encerra na terça-feira, durando assim três dias. Nestes dias ocorrem bailes locais e visitas às casas. Com muita hospitalidade, a comunidade e os familiares são recebidos nos lares com fartura de alimentos e bebidas (KERB *Music und Bier*, 2016).

2.2 METODOLOGIA

A metodologia adotada para este trabalho foi a pesquisa exploratória descritiva, na qual “empregam-se geralmente procedimentos sistemáticos ou para a obtenção de observações empíricas ou para as análises de dados (ou ambas, simultaneamente)” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 188). Para coletar os dados, utilizamos uma variedade de procedimentos para obter descrições quantitativas e qualitativas do objeto de estudo.

De acordo com Gil (2008), procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não costumam ser aplicados nestas pesquisas. O autor também destaca que o propósito da pesquisa exploratória consiste em desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, atendendo a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

Este trabalho adotou a pesquisa bibliográfica como primeira técnica de pesquisa, cujo objetivo foi colocar o pesquisador em contato direto com o que já foi escrito, dito ou filmado sobre os assuntos abordados. Conforme Marconi e Lakatos (2010, p. 166), “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

Para Gil (2008), a vantagem da pesquisa bibliográfica reside na circunstância de permitir ao pesquisador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diariamente, na qual este fato se torna ainda mais relevante quando o problema de pesquisa requer dados muitos dispersos pelo espaço.

Neste sentido, buscamos livros e artigos que abordam a temática rural, com enfoque especialmente para as relações entre o rural e as tecnologias de informação e comunicação, pesquisas que mostram o panorama das tecnologias de informação e comunicação no Brasil e também os projetos de lei que resultaram na implementação dos serviços de Internet no município de Westfália.

A segunda técnica de pesquisa utilizada neste trabalho foi a entrevista, que consiste num encontro entre duas pessoas, na qual uma delas obterá informações a respeito de determinado assunto por meio de uma conversação de natureza profissional, efetuada face a face, de maneira metódica, proporcionando ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 179) “a entrevista é importante instrumento de trabalho nos vários campos das ciências sociais ou de outros setores de atividades, como da Sociologia, da Antropologia, da Política, das Relações Públicas e outras”.

Para entrevistar os jovens rurais de Westfália usamos, mais precisamente, a entrevista estruturada que se desenvolve a partir de uma relação de perguntas preestabelecidas e fixas, na qual seguem uma mesma ordem e a redação permanece invariável (GIL, 2008).

O roteiro de perguntas das entrevistas (Apêndice A) continha oito questões abertas o que, segundo as autoras Marconi e Lakatos (2003, p. 204), “permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões”. De acordo com Gil (2008, p. 117) “nas entrevistas estruturadas, a formulação das perguntas assume um caráter metódico”. E ainda segundo o autor, as perguntas devem ser formuladas para que correspondam a um estímulo idêntico a todos informantes. Por isso, a importância de fazê-las exatamente como estão redigidas no formulário e na mesma ordem (GIL, 2008).

Foram entrevistados 26 jovens que residem com seus familiares na localidade Linha Paissandu. A escolha da faixa etária para aplicação da pesquisa -- de 18 a 28 anos de idade -- justifica-se primeiramente por serem jovens que já cursaram os ensinos fundamental e médio e, portanto, atendem ao objetivo desta pesquisa de investigar a relação entre Internet e educação escolar.

Outro ponto é que nesta faixa etária os jovens estão inseridos no mercado de trabalho -- muitos também estão no ensino superior --, o que abarca o objetivo de analisar a relação entre Internet e formação profissional.

Entre os entrevistados estão jovens de diferentes profissões, sendo a maioria deles agricultores (11), sendo dois com formação técnica agrícola. Cinco entrevistados possuem ensino técnico e superior completo em áreas como Medicina Veterinária, Biologia, Enfermagem e Comércio Exterior e três estão cursando o ensino superior. Sete entrevistados possuem apenas o ensino médio e atuam em atividades como serviços gerais em granja, soldador e servente de pedreiro.

Foram entrevistados jovens que tiveram acesso à Internet após a implantação da rede no interior do município, através dos projetos de lei números 641/2009, 676/2009 e 701/2009 (Figura 4).

Figura 4 – Projeto de lei nº 701/2009 que levou a internet à Linha Paissandu



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
 PREFEITURA MUNICIPAL DE WESTFÁLIA
 Rua Leopoldo Fiegenbaum – 488 – Centro – Westfália – RS
 CEP 95893.000 – FONE/FAX (51) 37624553
 E-mail: westfalia@westfalia.rs.gov.br

LEI Nº 701, DE 07 DE AGOSTO DE 2009

AUTORIZA O PODER EXECUTIVO A FIRMAR CONVÊNIO COM A CERTEL, COM A FINALIDADE DE IMPLEMENTAR A INSTALAÇÃO DE SERVIÇO DE ACESSO À INTERNET NA LINHA PAISSANDU, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

SÉRGIO MARASCA, Prefeito Municipal de Westfália, Estado do Rio Grande do Sul,

FAÇO SABER, que encaminhei à Câmara Municipal de Westfália para análise o seguinte projeto de lei:

Art. 1º Fica o Poder Executivo autorizado a firmar Convênio com a Cooperativa Regional de Eletrificação de Teutônia Ltda. - CERTEL, com a finalidade de implementar a instalação de serviço de acesso à internet na Linha Paissandu, neste Município.

Parágrafo Único Pela execução dos serviços de implementação da rede de acesso, com rádios, antenas e cabos, o Município pagará à CERTEL o valor de até R\$ 13.000,00 (treze mil reais), que será pago na conclusão dos trabalhos, nos termos da Lei nº 8666/93 e suas posteriores alterações, mediante a emissão de laudo técnico da Cooperativa e visado pelo Engenheiro do Município, com a incidência de ISSQN.

Art 2º Para cobrir as despesas decorrentes da aplicação da presente Lei fica o Poder Executivo autorizado a abrir créditos adicionais com a classificação e indicação de recursos previstos na Lei nº 4.320/64.

Art. 3º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.
GABINETE DO PREFEITO, 07 de agosto de 2009.

Sérgio Marasca
 Prefeito

Registre-se e Publique-se

Eliane Dolores Giebmeier Prediger
 Secretária Municipal de Administração, Planejamento e Finanças

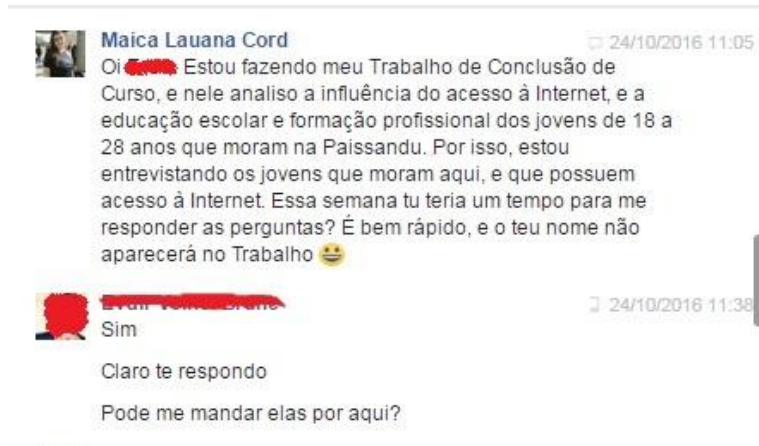
Além da aplicação das entrevistas nas casas dos entrevistados, realizou-se a observação participante com o objetivo de analisar o comportamento dos jovens em relação aos seus comportamentos e vínculos com o acesso às novas tecnologias e os aparelhos disponíveis em suas residências. Dessa forma, o observador integra-se ao grupo, confunde-se com ele, e, muitas vezes, enfrenta dificuldades para manter a objetividade da pesquisa, pois exerce influência no grupo, é influenciado por antipatias ou simpatias pessoais e pelo choque de referência entre observador e observado (MARCONI; LAKATOS, 2010). Para Gil (2008, p. 103) a observação participante é uma “técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo”.

Apontam-se duas formas de observação participante: “natural, o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga. E artificial, o observador integra-se ao grupo com a finalidade de obter informações” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 177). De acordo com Gil (2008), na observação artificial, o pesquisador depara-se com mais problemas do que na observação natural, pois:

Em primeiro lugar, precisa decidir se revelará o fato de ser um pesquisador ou se tentará a integração no grupo utilizando disfarce. Depois, precisa considerar, no caso de não revelar os objetivos da pesquisa, se as suas atividades disfarçadas podem prejudicar algum membro do grupo, e, nesta hipótese, se os resultados que vierem a ser obtidos são tão importantes para prejudicar sua aquisição com esses riscos” (2008, p. 103).

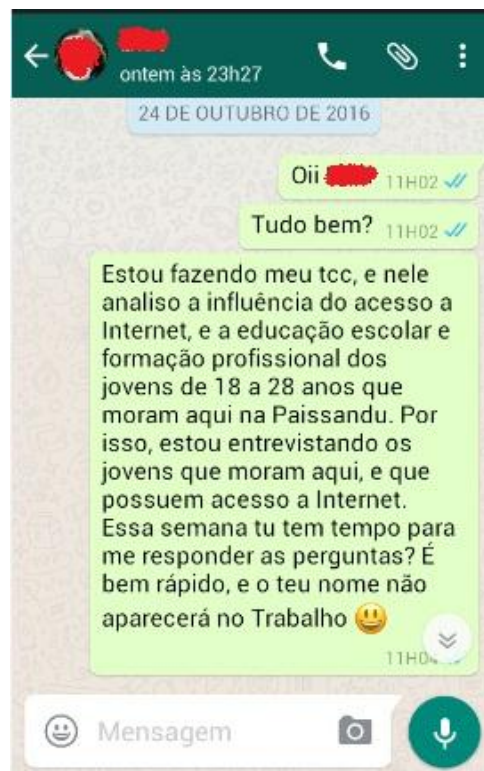
A aplicação das entrevistas e a observação participante foram realizadas entre os dias 20 a 31 de outubro de 2016. Realizamos, inicialmente, um levantamento dos jovens da comunidade que pertenciam à faixa etária delimitada. O agendamento das entrevistas ocorreu a partir da rede social *Facebook* e do aplicativo *WhatsApp*. Com um texto padrão explicativo sobre a pesquisa, mas bastante informal, como mostra a Figura 5, foi identificada a disponibilidade dos jovens para a realização das entrevistas. Esta foi a forma chave utilizada para os meus agendamentos e subsequentes visitas aos jovens rurais. Em último caso, o contato ocorreu por telefone fixo, pois alguns jovens não responderam aos contatos *online*.

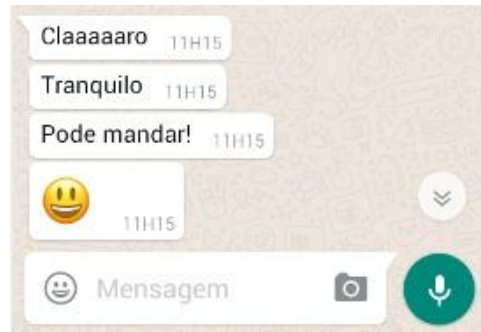
Figura 5 – Agendamento das entrevistas através do Facebook



Fonte: Reprodução Facebook

Figura 5 – Agendamento das entrevistas através do WhatsApp





Fonte: Reprodução *WhatsApp*

O agendamento das entrevistas a partir das redes sociais e aplicativos nos permitiu ter uma primeira impressão sobre os usos da Internet pelos jovens rurais da localidade, demonstrando que, assim como os jovens urbanos, eles também utilizam as redes sociais e aplicativos como ferramentas importantes de comunicação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa exploratória qualitativa sobre “O acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICS) entre os jovens rurais de Westfália – RS” foram divididos em quatro eixos de análise. O primeiro, “Acesso à Internet”, apresenta as formas de acesso à rede mundial de computadores pelos jovens rurais do município durante o período de educação escolar. O segundo eixo, “Inclusão social”, verifica as principais mudanças que o acesso à Internet trouxe para a vida dos entrevistados. Em “Usos da Internet”, apresentamos os principais interesses dos entrevistados na rede mundial de computadores e, por último, em “Formação profissional”, analisamos a relação entre o acesso à Internet e a qualificação acadêmica ou profissional dos entrevistados.

3.1 ACESSO À INTERNET

O acesso à Internet pelos jovens da zona rural de Westfália ocorreu de formas distintas. Os entrevistados acima de 25 anos relataram que o acesso começou na escola. Três destes jovens citaram especificamente as aulas de informática como sendo o espaço em que podiam acessar a rede, demonstrando a inclusão digital como uma preocupação de uma disciplina específica, e não da instituição de ensino como um todo.

Mesmo assim, esse primeiro contato com a Internet na escola revela-se um importante espaço de trocas entre professor e aluno, que estimula o intercâmbio de informações e conhecimentos e alerta para o uso adequado das novas tecnologias e novas formas de comunicação.

Primeiro eu tinha acesso só na escola, eventualmente nas aulas de informática, durante todo ensino médio. Depois, na faculdade tinha acesso em casa, tinha computador com acesso à Internet. Não [durante] toda faculdade, mas a maior parte dela, uns 80 por cento da faculdade. Desde então, sempre tive Internet.
(Médico Veterinário, 28 anos)

Foi no ensino fundamental, a partir da 7ª série, apenas no laboratório de informática da escola.
(Expedidor de Materiais, 26 anos)

Na escola não tinha muita internet, só nas aulas de informática.

(Agricultor, 28 anos)

Em contrapartida, os jovens entre 18 a 24 anos mencionaram dispor de acesso à Internet durante a educação escolar também em suas próprias residências e em casas de vizinhos e amigos.

Foi bom, ajudou bastante com os trabalhos, pesquisas. [Eu tive acesso] em casa e na escola.

(Serviços Gerais em granja, 19 anos)

Primeiramente foi muito difícil, pois naquela época não tínhamos tanta modernidade como nos tempos atuais. Lembro que meu irmão sempre me levava até a cidade ou até a casa de um vizinho que tinha internet para fazer os meus trabalhos. Com o passar dos anos e com a tecnologia já avançada, tudo começou a ficar mais prático e fácil, pois os estudos exigiam ter o acesso à internet, devido aos trabalhos a serem realizados, pesquisas, e [a necessidade de] ter também um e-mail.

(Enfermeira, 24 anos)

[A Internet era] boa, tinha em casa.

(Auxiliar de Agricultor, 18 anos)

Na escola tinha e em casa não tinha. Se tinha algum trabalho para fazer ia nos amigos, ou no vizinho.

(Serviços Gerais em granja, 19 anos)

Os depoimentos dos entrevistados vão ao encontro da tendência apontada pela pesquisa TIC Domicílios 2014 (PANORAMA SETORIAL DA INTERNET, 2016), onde fatores como o alto custo da Internet instigam a população a buscar formas alternativas de acesso, como o compartilhamento do acesso à Internet com seus vizinhos.

Alguns dos entrevistados relataram que o acesso à Internet começou ainda durante o ensino fundamental. A utilização da ferramenta começou principalmente em função dos trabalhos escolares.

Usava bastante [...] até pela forma de enviar trabalho, e-mail. Quando veio a Internet já colocamos e usava em casa. Estava na sexta, sétima série.

(Agricultor, 21 anos)

Ensino fundamental tinha que ir na escola [para acessar a Internet], que em casa não tinha. No ensino médio, que eu me lembro, acho que eu já tinha. Ia pesquisar na casa do vizinho, na casa do Renê, que teve antes de nós.

(Agricultora, 23 anos)

A maioria das vezes [o acesso acontecia] na escola, quando não tinha ia na casa de vizinhos. Em casa quando estava na 7ª série.
(Agricultora, 18 anos)

Quando estava estudando no ensino fundamental não tinha acesso à Internet [em casa], só na escola. Depois conversei em casa com os pais que seria melhor colocar Internet para procurar as coisas, se informar [...] foi colocado Internet em casa, e dali em diante sempre tive [...] eu procurava e conseguia entender [...], fazer trabalhos.
(Auxiliar de Padaria, 20 anos)

De acordo com os entrevistados, mesmo sendo um serviço pago, as *lan houses* também foram uma alternativa de acesso à Internet, o que demonstra a importância de espaços comunitários para promover a inclusão digital no meio rural.

[O acesso acontecia] na escola durante as aulas de informática, e eventualmente pagando um horário numa *lan house*.
(Médico Veterinário, 28 anos)

A única alternativa era a escola, não tinha outra. Depois, quando estava no primeiro ano ia na casa de amigos, fazia um curso, e todo sábado tinha esse curso numa *lan house*.
(Agricultor, 25 anos)

Na escola ou às vezes eu ia em *lan house* ou na casa de amigos, ou no celular também.
(Serviços Gerais em granja e Acadêmica de Psicologia, 20 anos)

Escola, casa de amigos ou então lugares onde ofereciam o acesso à Internet.
(Enfermeira, 24 anos)

Percebemos que a utilização dos serviços de *lan houses* não tem relação com a idade dos entrevistados, visto que jovens de várias idades utilizaram esse meio de acesso quando não possuíam o serviço em suas casas.

3. 2 INCLUSÃO SOCIAL

O acesso à Internet pelo jovem da zona rural de Westfália como forma de inserção social revelou muitos vieses, dentre eles o seu vínculo com o trabalho e o mercado. Os jovens agricultores, especialmente, destacaram que ter acesso à rede possibilitou realizar pesquisas e compras pela internet e obter informações referentes à climatologia.

Consegui comprar coisas mais baratas, [verificar a] previsão do tempo. Como nós precisamos muito, já compramos muitas máquinas para fazer serviços do dia-a-dia, compras do Paraná, isso é muito útil. Muitas vezes tem um probleminha, procuramos na internet a solução.
(Agricultor, 21 anos)

[Consegui] buscar conhecimentos. Muitas vezes pesquiso uma coisa lá que ajuda e fornece uma utilidade aqui para agricultura. Até para falar com os professores por e-mail [...] ficou mais fácil de se comunicar.
(Agricultor, 21 anos)

Mais contato com outras pessoas, troca de ideias, pesquisas, dúvidas na propriedade, remédios pra animais, doenças a gente pesquisa.
(Agricultor, 24 anos)

Comunicação com amigos, clientes, professores e profissionais da área. Acesso a conteúdo profissional, artigos científicos, estudo e troca de informações no que diz respeito a minha profissão, entretenimento, acesso a filmes, lazer, cursos online.
(Médico Veterinário, 28 anos)

Fica tudo mais fácil. A gente usa bastante para comprar peça no Mercado Livre [site de compras], muitas coisas tu não acha por aqui [município de Westfália]. Pesquisa e toda tua dúvida tira ali, sempre facilita.
(Agricultora, 23 anos)

Muitos produtores hoje têm Internet em casa, acabam pagando boleto [e fazendo] tudo por meio de Internet [...] isso facilitou muito a vida deles, antes tinha que ir sempre a agência bancária.
(Vendedor e Acadêmico de Ciências Contábeis, 23 anos)

A pesquisa também abordou a temática do isolamento rural. Dos entrevistados, 12 apontaram que a falta de acesso à Internet em casa não representava uma privação. Relembrando os períodos de infância e adolescência, eles destacam, com certo saudosismo, que o importante eram as relações pessoais, as brincadeiras com os amigos, as pesquisas nos livros.

De forma alguma. Não ter acesso à internet em casa pode ter me privado de várias coisas durante a infância e a pré-adolescência, mas como não tinha conhecimento do potencial desta ferramenta, não sentia falta. Sempre tive outros meios para acessar informações para fins escolares, por exemplo.
(Expedidor de Materiais, 26 anos)

Não [...] quando a gente não tinha Internet buscava coisas em livros, procurava em outros lugares, não sentia a falta porque não sabia o que era; depois que tinha Internet podia se comunicar mais, pesquisar, e aí mudou.
(Auxiliar de Padaria, 20 anos)

Nesse sentido, os entrevistados acreditam que as TICs também podem contribuir para afastar, em vez de conectar as pessoas.

Não, porque eram outras épocas, se tinha outras coisas para fazer [...] hoje em dia dificilmente se vai no campo, não tem ninguém mais que vai no campo jogar bola; nós íamos, e daí não sentia tanto. Internet tem o lado bom, mas o lado ruim é que acaba tirando essas coisas.
(Vendedor e Acadêmico de Ciências Contábeis, 23 anos)

Não me sentia isolado, me virava com outras coisas, pensava mais em brincar. Por exemplo, vamos hoje fazer umas tábuas e descer o morro. Nesse tempo ninguém tinha muito, não se pensava nisso.
(Agricultor, 25 anos)

Não, porque daí tu tinha mais amizades fora. Acho que a Internet mesmo que isola as pessoas.
(Motorista, 25 anos)

No entanto, a maior parte dos entrevistados admitiu que se sentiam isolados por não ter acesso à Internet em suas residências. Entre alguns jovens, este fato despertava sentimentos como desigualdade, exclusão e inferioridade.

Sim, me sentia. Porque todos tinham internet, menos eu, me sentia excluída.
(Agricultora, 20 anos)

Às vezes, todos os amigos tinham Internet e tu estava ali sem fazer nada. Os trabalhos tínhamos que procurar nos livros, essas coisas.
(Auxiliar de Inspeção Federal, 23 anos)

Sim, era meio estranho que todo mundo tinha [...] todo mundo estava no Orkut [rede social] e a gente não tinha, ficava meio excluído.
(Serviços Gerais em granja e Acadêmica de Psicologia, 20 anos)

Sim, muito [...] dava raiva quando ia na casa das gurias e elas tinham, e eu não tinha Internet.
(Serviços Gerais em granja e Acadêmica de Biologia, 19 anos)

Sim, bastante. A maioria dos colegas tinham, ficavam falando na escola, como eu era a única guria daqui [de Linha Paissandu], ficava um pouco para trás.
(Agricultura, 18 anos)

Antes da possibilidade de acesso à Internet pelos moradores rurais, questões correspondentes às distâncias geográficas e a aceleração do tempo, na qual tudo se transforma constantemente, despertavam sensação de isolamento.

Nos dias de hoje, devido à expansão das tecnologias de informação e comunicação, os indivíduos residentes no interior brasileiro podem comunicar-se e acessar informações de âmbito global.

Em vista disso, entendemos quando Viero (2009) salienta que o meio rural não pode mais ser visto como um território isolado, pois muitos moradores possuem acesso à informação assim como a população do meio urbano. De acordo com Schneider (2009), associar o meio rural ao atrasado e o meio urbano ao progresso perderam seu sentido.

Também podemos destacar relatos dos jovens que comparam fatos que antecedem e outros que sucedem o período de acesso à Internet em suas casas.

Me sentia isolada, conversava mais com o pessoal daqui [de Linha Paissandu], e com a internet passei a falar com pessoas de outras localidades.
(Agricultora, 19 anos)

Às vezes, sim. Quando não tinha aqui em casa, sempre tinha que ir para a rua, procurar outro lugar para fazer os trabalhos, e até [para acessar] as redes sociais se eu quisesse.
(Serviços Gerais em granja, 19 anos)

Se é para comparar com hoje em dia não se tinha nada. Hoje dá para saber como estão os parentes de longe.
(Auxiliar Administrativo, 21 anos)

Observamos mudanças na forma com que os entrevistados se relacionam com as pessoas, na forma com que eles se comunicam e estudam. Antes de terem acesso às novas tecnologias, suas relações sociais eram mais restritas a sua localidade. Nos dias de hoje, com a expansão e o acesso à Internet, percebemos que há mais trocas e interações entre os meios rural e urbano.

Nas entrevistas, essa interação foi notória, pois enquanto eu estava aplicando as perguntas aos jovens rurais em suas residências, muitos deles usavam o telefone celular, especialmente as redes sociais, entre o intervalo de uma pergunta e outra. Dessa forma, a interação deles acontecia comigo, de forma presencial, juntamente com outro de forma virtual.

Outro ponto abordado pelos jovens é que hoje em dia eles não têm a necessidade de encontrar com os colegas de forma presencial para fazer trabalhos, visto que podem se comunicar através das redes sociais e fazerem os trabalhos desta forma. Isso vai ao encontro do que Schneider (2009) relata sobre os fluxos de

comunicação e o novo jeito de interagir dos moradores rurais, em que se misturam e se confundem com o meio urbano.

3.3 OS USOS DA INTERNET

Quanto aos usos da Internet, identificamos como principal a busca por canais de entretenimento e o acesso às redes sociais, especialmente o *Facebook* e o aplicativo *WhatsApp*. E o uso revelou-se ser especialmente através de telefones celulares

Desta forma, percebem-se claramente as mudanças em relação ao uso das TICs nos últimos dez anos no meio rural. Schwartz (2007) destaca que, em 2006, os agricultores do interior de Santa Maria utilizavam o telefone celular especialmente para fazer ligações. Já o uso do aparelho para acessar a Internet e enviar mensagens de texto era restrito. Acrescenta-se que a pesquisadora verificou que a tecnologia era de uso familiar e não pessoal.

Em Wesfália, verificamos que os telefones celulares estão inseridos totalmente no cotidiano dos entrevistados, sendo uma tecnologia de uso pessoal. Os jovens rurais utilizam especialmente a comunicação via Internet, de aplicativos e redes sociais, com utilização intensa de mensagens de texto, áudio, vídeo e *emoticons*.

De acordo com Soares e Araújo (2009) nos gêneros digitais em que não há possibilidades do interlocutor perceber expressões faciais da pessoa com quem está interagindo, os internautas valem-se de recursos hipermodais, que exercem essa mesma função: os *emoticons*. Araújo (2007, p. 54) complementa que são “estratégias para substituir os gestos e as emoções que, comumente, fazem parte de uma conversa face a face”.

Já as ligações telefônicas são pouco utilizadas. Observamos, nesse sentido, que os entrevistados destacam o custo-benefício da Internet.

Tenho família longe [...] nem uso o telefone, uso o *Facebook* para mandar mensagem. Telefone precisa pagar ainda, computador não.
(Agricultora, 23 anos)

Acesso ao *Facebook*, *Whatsapp* também, e e-mail.
(Auxiliar de Agricultor, 18 anos)

Posso fazer trabalhos, pesquisar os conteúdos, ficar no *Facebook*.
(Serviços Gerais em granja, 19 anos)

[...] Tu fica sabendo mais das coisas. Quando não tinha tu não ficava [sic] sabendo de nada, agora dá para acompanhar os jogos, tem o *Facebook*.
(Serviços Gerais em granja e Acadêmica de Biologia, 19 anos)

[Acesso às] redes sociais, música, sites de compras, sites de beleza.
(Agricultura, 20 anos)

Além das redes sociais, que mantenho sempre conectadas, acesso bastante sites de informações políticas, ambientais e econômicas. Gosto de estar informado dos principais assuntos do dia a dia. Moda e estilo são fáceis de encontrar no meu histórico de navegação também.
(Expedidor de Materiais, 26 anos)

Climatologia, moda, saúde, doenças, alimentação e compras pela Internet.
(Enfermeira, 24 anos)

Facebook, *Messenger*, *Whatsapp*, OLX. Pesquiso bastante vendas agrícolas para pegar umas coisas baratas, [acessar o] e-mail; às vezes tem que fazer uma pesquisa [...].
(Agricultor, 21 anos)

Os sites com conteúdo esportivo também foram bastante mencionados pelos entrevistados.

Área esportiva em primeiro lugar, todo dia, vários sites ligados a esporte. E em segundo lugar conteúdo universitário, relação de trabalho, essas coisas.
(Vendedor e Acadêmico de Ciências Contábeis, 23 anos)

Vídeos de musculação, esporte, futebol e vídeos de engenharia.
(Servente de Pedreiro, 23 anos)

Facebook, Globo Esporte, Globo Rural [...] em páginas do *Facebook*. Hoje em dia tudo é interligado [...].
(Agricultor, 25 anos)

O *Facebook*, o *Google*, Globo Esporte.
(Serviços Gerais em granja, 19 anos)

Facebook, site do Inter, site da Globo também, coisas da aula, *Youtube* também, às vezes.
(Serviços Gerais em granja e Acadêmica de Biologia, 19 anos)

Futebol, notícias, reportagens. Previsão do tempo é uma coisa que a família quer saber para se programar, redes sociais, é mais que futebol, até.
(Agricultor, 24 anos)

As falas dos entrevistados demonstram que as redes sociais estão integradas na vida destes jovens, sendo acessadas constantemente. Nota-se também que os assuntos acessados em muitos casos se misturam abarcando uma pluralidade de interesses durante a navegação na Internet.

Assim, compreendemos que os relatos dos 26 entrevistados vão ao encontro ao preconizado por Silveira (2003) sobre as TICs e suas novas perspectivas para a vida social. A autora destaca que o fácil intercâmbio de mensagens (constatado por nossa pesquisa) antes era utópico para o desenvolvimento rural.

Outro uso bastante apontado pelos entrevistados é o da Internet como ambiente de pesquisa escolar e acadêmica.

Redes sociais, filmes e seriados em geral, vídeos, entretenimento, revistas da minha área, artigos científicos e notícias da minha área de trabalho, cursos online.
(Médico Veterinário, 28 anos)

Facebook e Whatsapp, e agora também os conteúdos para o ENEM [...].
(Agricultora, 18 anos)

Redes sociais e realizo pesquisas sobre assuntos relacionados ao trabalho.
(Bióloga, 23 anos)

Outra indagação feita aos jovens corresponde ao acesso a sites na Internet que auxiliam nas funções da propriedade rural. Observamos uma procura significativa por sites sobre previsão do tempo.

Às vezes alimentação dos animais, pesquisar pasto que é para plantar. Olho mais o Climatempo, todo dia entro [...].
(Agricultor, 28 anos)

Sim, como eu presto serviço, utilizo essas informações para passar nas propriedades que eu atendo. MilkPoint, Google Acadêmico, Revista Leite Integral, Google, Clima Tempo.
(Médico Veterinário, 28 anos)

Sim, o tempo.
(Auxiliar de Agricultor, 18 anos)

O Climatempo para vários dias.
(Servente de Pedreiro, 23 anos)

[...] às vezes procuro a previsão do tempo, para saber se vai chover ou não, para plantar [...].
(Serviços Gerais em granja e Acadêmica de Psicologia, 20 anos)

Primeiro o Climatempo; acesso ao Face da Emater, tem informações; Globo Rural várias vezes; Canal Rural às vezes. A primeira busca que aparece eu olho [...] dúvidas sobre vermífugos e animais.
(Agricultor, 24 anos)

Identificamos que à Internet se tornou um meio de acesso para a tomada de decisões. Nas falas dos entrevistados percebemos a relevância dos sites com informações meteorológicas. Assim, a Internet torna possível a melhora do desempenho das funções agrícolas nas propriedades rurais e o planejamento semanal das atividades com mais eficácia.

Muitas das entrevistas realizadas com os jovens rurais de Linha Paissandu, contaram com a presença dos familiares, normalmente o pai ou a mãe do jovem. Deste modo, ao indagar sobre o acesso a sites na Internet que auxiliam as funções na propriedade rural, muitos dos entrevistados apontaram para o familiar presente, esclarecendo que acessam conteúdos referentes as funções agrícolas a pedido deles, e posteriormente, repassam as informações obtidas, para que assim os familiares consigam realizar um planejamento mais eficaz dos seus afazeres semanais na propriedade.

Em vista disso, percebemos que os jovens rurais oferecem meios para que seus familiares que não possuem habilidades para lidar com equipamentos eletrônicos, também usufruam do acesso às novas tecnologias, e assim, indiretamente possam obter alcance a esses conteúdos.

Entendemos que o exposto pelos entrevistados condiz com o que Viero (2009) apresenta sobre o planejamento prévio e o conhecimento antecipado sobre fatores como variedades, insumos, mercado. De acordo com a autora, é essencial que os produtores rurais tenham acesso à informação de forma sistemática para a tomada de decisões.

Bordenave (1988) também destaca a importância do acesso à informação pelo agricultor rural no que diz respeito ao uso de suas terras, tipos de criações, emprego de mão-de-obra, na qual ressalta que sem o acesso à informação o agricultor estaria sujeito a improvisação.

Também perguntamos aos entrevistados se, na opinião deles, há conteúdos que se direcionam prioritariamente à população residente no meio rural.

Tem. Acho que o principal, que é o mais utilizado, é o ClimaTempo, para se programar quando precisa fazer algo e precisa ter tempo bom. Exemplo: para fazer o feno, o pessoal vai direto na Internet e se programa conforme o tempo. Essa semana dá para fazer, essa semana não dá para fazer porque vai chover.

(Vendedor e Acadêmico de Ciências Contábeis, 23 anos)

Tem muita coisa [...] pode até baixar um livro na Internet que tu quer [sic] sobre produção animal, manejo, suinocultura, bovino, cultura de leite [...]. Pelo menos tem um resumo assim [...].

(Agricultor, 21 anos)

Com certeza, qualquer informação é facilmente encontrada na Internet. Informações meteorológicas, preço de grãos e outros bens produzidos no meio rural, informação sobre plantio e cultivo de sementes, produção animal. Feiras de agronegócio, preços de máquinas.

(Expedidor de Materiais, 26 anos)

É geral, depende daquilo que tu for procurar, porque aquilo que tu quiser [sic] achar vai achar. Tem programas tipo o do sindicato que tem essas coisas, e negócio da TV que passa da agricultura consegue acessar na Internet. Se tu quiser, tu consegue [sic].

(Agricultora, 23 anos)

No entanto, alguns entrevistados apontam que o meio rural ainda não tem um espaço adequado para a produção de conteúdos específicos. Impasses devido o acesso às novas tecnologias ainda ser limitado nas áreas rurais e a valorização do território urbano em detrimento do rural, na qual as indústrias e serviços públicos estão concentrados nas cidades, direcionam os conteúdos para a população urbana.

Também podemos compreender esta problemática resgatando os apontamentos de Bordenave (1988) sobre a difusão de conteúdo mais dirigido aos agricultores respaldada na Informação Agrícola, cujo principal objetivo era gerar conteúdos que incrementassem a produção e a produtividade da agricultura, sem se preocupar com aspectos como entretenimento, bem estar social, curiosidades, entre outras temáticas.

É pouca do meio rural, [a produção é mais para o] pessoal mais da cidade grande.

(Agricultora, 19 anos)

Tem vários sites que puxam mais para a população do meio rural, mas tem muito mais para população da cidade, que eles estão em crescimento, querem comprar uma casa e tem isso e aquilo.

(Agricultor, 25 anos)

Alguns jovens entrevistados acreditam que há conteúdos que visam a população rural, mas apenas direcionados para a área profissional, associando o campo apenas a um espaço de trabalho, como se seus moradores não tivessem outras necessidades, como lazer, por exemplo.

Os entrevistados apontam, ainda, a linguagem utilizada por alguns sites, que dificulta a compreensão do conteúdo.

3.4 FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Verificamos que a maioria dos jovens rurais entrevistados não acessa a Internet com o objetivo de obter uma qualificação em determinada área. Dentre os 26 jovens ouvidos, apenas seis relataram terem participado de algum curso *on-line* profissionalizante a partir do momento em que tiveram acesso à Internet em suas casas.

Agora que eu estou fazendo uns cursinhos. Tinha na prefeitura para se inscrever, e aí me inscrevi e estou fazendo *on-line*. Peguei porque não sei o que vou fazer: estou no último ano do ensino médio e não sei se vou continuar, peguei e fiz. São cursos de auxiliar administrativo, estética, manicure, maquiador e cabelereiro, design gráfico e espanhol básico e intermediário.

(Serviços Gerais em granja e estudante do 3º ano do ensino médio)

Quando fazia o curso técnico eu fazia um de digitação, que era *on-line*.
(Auxiliar Administrativo, 21 anos)

Já cursei vários cursos *on-line*, como curso de formação de dietas em bovinos, curso de controle reprodutivo em bovinos e curso sobre estatísticas e metas para propriedade leiteira, e mais eventuais palestras online.
(Médico Veterinário, 28 anos)

Sim, relacionado à contábeis. Contabilidade *on-line* é o site.
(Vendedor e Acadêmico de Ciências Contábeis, 23 anos)

Estava fazendo um curso de elétrica industrial.
(Servente de Pedreiro, 23 anos)

Cursei algumas disciplinas EAD durante minha graduação. Faço alguns testes de TOEFL *on-line* grátis de vez em quando.
(Expedidor de Materiais, 26 anos)

O último depoimento releva uma preocupação dos jovens rurais em buscar uma qualificação também em outras línguas. Em nosso entendimento, isso

demonstra que, para os entrevistados, a Internet possibilita romper barreiras que vão muito além do rural e urbano.

Entendemos que o exposto pelos seis entrevistados está relacionado às novas oportunidades para a população do meio rural que foram propiciadas pelas TICs e que, antes, eram privilégio apenas da população residente no perímetro urbano (CABRERA, 2012).

Nota-se, no entanto, que nenhum dos jovens rurais que buscou qualificação à distância é agricultor familiar. As entrevistas revelam que, para esse grupo, o ambiente virtual ainda não tem a mesma credibilidade de um ambiente presencial enquanto espaço de aprendizado.

Não, porque não gosto muito de fazer pela internet cursos, gosto de fazer mais pessoalmente, se aprende mais.
(Agricultora, 20 anos)

Não. Depende qual curso, posso me interessar. Gosto mais de curso presencial, pois gosto de fazer muitas perguntas. Também pelo motivo de minha carga horária ser muito maior se não tenho aula fora de casa.
(Agricultor, 21 anos)

Não, nenhum. Por causa de vontade e talvez falta de paciência para se sentar [sic] na frente de um computador e fazer curso em casa [...] seria mais fácil fazer um curso presencial.
(Agricultora, 19 anos)

Não, nunca pensei nisso.
(Agricultor, 21 anos)

Nunca. Tenho medo de não ser site confiável. Vai que é um truque ou algo do tipo. Tenho medo que depois de tiver tudo pago eu não receba o certificado.
(Agricultora, 18 anos)

Em vista disso, percebemos que os jovens agricultores vislumbram a rede de forma ainda tímida enquanto um espaço capaz de promover a qualificação profissional.

Nesse sentido, verificamos que a educação à distância, elencada como um dos fatores proporcionados pelas TICs para auxiliar na promoção do desenvolvimento rural (SILVEIRA, 2003), ainda tem várias barreiras a superar. O espaço virtual ainda é visto com desconfiança entre os agricultores que associam a formação profissional ao contato presencial com os instrutores.

Na entrevista, ao fazer esta pergunta para os jovens rurais, em especial, aos jovens agricultores, pude perceber uma expressão facial de surpresa, de quem nunca havia pensado que o acesso à Internet lhes fornecesse essas possibilidades. Talvez seja preciso iniciativas deste tipo, para que o jovem sinta-se interessado a cursar um curso profissionalizante à distância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, a presente pesquisa nos possibilitou verificar que, com o acesso à Internet pelos moradores rurais de Linha Paissandu, as redes sociais passaram a ser a principal forma de comunicação entre os jovens rurais residentes na localidade. Todos os entrevistados relataram possuir contas ativas na rede social *Facebook* e muitos utilizam o aplicativo *WhatsApp*. A facilidade e agilidade do agendamento das entrevistas, por meio das referidas tecnologias, deu pistas de que a Internet é uma TIC totalmente inserida no cotidiano destes jovens.

A situação verificada no interior de Westfália-RS nos mostra a importância de investimentos em políticas públicas de inclusão digital no meio rural brasileiro, lugar onde a telefonia fixa pouco se expandiu e só a partir da popularização dos telefones celulares pode conhecer os benefícios das tecnologias de informação e comunicação (SCHWARTZ, 2007). O estudo ainda verificou que a escola é o ambiente inicial de “alfabetização digital” e que espaços como *lan houses* são procurados pela comunidade rural na falta da tecnologia em casa. Desse modo, investimentos em telecentros comunitários mostram-se ainda fundamentais para possibilitar o acesso à Internet entre a população rural que ainda não tem acesso à tecnologia.

Também observamos que o acesso à Internet ampliou o espaço de interação dos jovens rurais, antes muito restrito aos eventos da própria localidade, e que hoje vislumbram na rede um ambiente de diversão e entretenimento, rompendo com a visão de isolamento da população rural. Especialmente através das redes sociais, os jovens entrevistados relataram que têm a oportunidade de se relacionar com pessoas tanto do meio rural e urbano. Nos sites, ainda usufruem de serviços importantes para quem vive no campo, como as previsões meteorológicas e também os serviços bancários. No entanto, se ressentem de conteúdos direcionados para a população rural, o que demonstra a importância da Comunicação Social desenvolver projetos também para esse público.

Sobre a relação entre o acesso às TICs e a formação escolar e profissional dos entrevistados, tanto os jovens agricultores como aqueles que trabalham no perímetro urbano, destacaram o uso da Internet para seu desenvolvimento profissional, principalmente, como meio de acesso para esclarecer dúvidas (como doenças de animais, aumento da produção agrícola), forma de contato com seus

colegas e clientes. Os jovens agricultores relataram ainda a utilização da rede com ambiente de compras (*e-commerce*). No entanto, o mesmo grupo vê com desconfiança a rede enquanto espaço de aprendizado formal, preferindo os cursos presenciais de qualificação. Nesse sentido, entendemos que órgãos públicos como prefeitura e Emater poderiam fomentar os espaços de qualificação também em ambientes *online*, como forma de estimular a continuidade dos estudos depois do ensino escolar, contribuindo para o desenvolvimento das propriedades e a consequente permanência dos jovens nas localidades do interior.

Desta forma, respondendo ao nosso problema central de pesquisa, verificamos que as potencialidades da rede, enquanto ambiente de formação, começam a ser utilizadas pelos jovens rurais a partir da disponibilidade de acesso nas residências, como meio de educação formal e não formal. No entanto, verificamos que, especialmente os agricultores, não reconhecem ainda na Internet um espaço de qualificação profissional.

Acredito que a minha relação anterior com o grupo, já que sou oriunda da localidade, foi extremamente importante para a realização desta pesquisa. Primeiramente, por ter conhecimento dos jovens que ali residiam e aqueles que se enquadravam na delimitação do tema proposto. Desta forma, pude fazer um mapeamento das pessoas que seriam entrevistadas, e conseqüentemente, estabelecer um cronograma que viabilizasse tempo hábil para entrevistá-los. Como todas as entrevistas foram presenciais, pertencer à Linha Paissandu também facilitou minhas visitas até os jovens rurais, em razão de que sabia a localização de suas residências. Outro ponto importante é que eu já possuía uma convivência prévia com os jovens rurais entrevistados, com uma relação de confiança estabelecida, o que no meu entendimento, contribuiu para que eles se disponibilizassem a participar da pesquisa e me receber em suas casas e ainda respondessem as perguntas de forma espontânea e desinibida.

Por fim, percebemos que o acesso à Internet contribuiu para aumentar a inclusão destes jovens rurais na sociedade, e indiretamente, pode contribuir para que eles continuem residindo em suas propriedades rurais, em atividades agrícolas e não agrícolas. Com a disponibilidade de acesso, os jovens rurais não se sentem mais excluídos e isolados geograficamente, eles sentem que possuem acesso às mesmas oportunidades que os moradores do meio urbano.

Em vista de tudo isso, ressalto que para mim, jovem rural de Westfália, foi gratificante poder voltar ao município e através da minha formação profissional retribuir o conhecimento adquirido nos meus quatro anos de faculdade. Observar que não é mais preciso os jovens deixarem as propriedades rurais para ter acesso à informação, conhecimento e oportunidades é um contexto animador e confiante de que isso se estenda a todo território rural brasileiro.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Júlio César. "Kd a roupinha do nick?": brincando de vestir identidades no chat aberto. In: COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos; COLAÇO, Veriana de Fátima Rodrigues; COSTA, Nelson Barros da. (Org.). **Modos de brincar, lembrar e dizer: discursividade e subjetivação**. Fortaleza: Edições UFC, 2007. p. 189-204

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O Que é Comunicação Rural?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

CABRERA, Lilian Cervo. **Tecnologias de Informação e Comunicação, Rede Científica e Inovação Comunicacional: o caso do Consórcio Antiferrugem**. Trabalho de Conclusão de Curso. UFSM, Santa Maria, 2012.

COMITÊ GESTOR DE INTERNET. **TICs domicílios - 2014**. São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.cetic.br/tics/usuarios/2014/total-brasil/>>. Acesso em: 15 set. 2016.

DEPONTI, Cidonea Machado; FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan; DORNELLES, Mizael. Os usos e as apropriações das TICs na agricultura familiar em regiões do Sul do Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 7., 2015, Santa Cruz do Sul. **Anais Globalização em Tempos de Regionalização – Repercussões no Território**. Santa Cruz do Sul, RS, 2015. Disponível em: <<http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/view/13368/2534>>. Acesso em: 26 nov. 2016. p. 1-23.

CASA EM ESTILO ENXAIMEL, TÍPICAS CONSTRUÇÕES ALEMÃS. **Família Voltz**. Disponível em: <<http://familiavoltz.blogspot.com.br/2013/05/casa-em-estilo-enxaimel-tipicas.html>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

COMUNICAÇÕES, Ministério das. Governo prepara atualização do Programa Nacional de Banda Larga. **Portal Brasil**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/infraestrutura/2016/03/governo-prepara-atualizacao-do-programa-nacional-de-banda-larga>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>>. Acesso em: 19 nov. 2016.

_____. **Rendimentos têm queda e desigualdade mantém trajetória de redução**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em:

<<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&idnoticia=3312&busca=1>>. Acesso em 26 de nov. 2016.

_____. **TICs domicílios – 2015**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.cetic.br/tics/usuarios/2015/total-brasil/>>. Acesso em: 15 set. 2016.

KERB MUSIK UND BIER. **Kerb**. Dois Irmãos, 2016. Disponível em: <<http://www.kerbfest.com.br/p/kerb.html>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

_____. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PANORAMA SETORIAL DA INTERNET. **Acesso à Internet no Brasil: Desafios para conectar toda a população**. São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://cetic.br/publicacoes/indice/panoramas/>>. Acesso em: 26 nov. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE WESTFÁLIA. **Dados Gerais**. Westfália, 2016. Disponível em <<http://www.westfalia.rs.gov.br/index.php/home/municipio/dados-gerais>>. Acesso em: 16 set. 2016.

PROJETO COOPERAR. **Projeto de Desenvolvimento Rural Integrado**. Paraíba, 2016. Disponível em: <<http://www.cooperar.pb.gov.br/new/sobre-cooperar/projeto-de-desenvolvimento-rural-integrado/>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

REDIN, Ezequiel. et al. Juventude rural e novas formas de sociabilidade mediadas pelas TICs. In: **Revista Signos do Consumo**, São Paulo, v. 5, n.2, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/76390>>. Acesso em: 26 nov. 2016. p. 225-244

SCHNEIDER, Sérgio. Ciências Sociais, Ruralidade e Territórios: em busca de novas referências para pensar o desenvolvimento. **Campo -Território: Revista de Geografia Agrária**, v. 4, n.7, p 24-62. Uberlândia: EDFU, 2009.

SCHWARTZ, C. **A recepção das tecnologias de informação e comunicação entre os agricultores familiares de Santa Maria, Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2007.

_____. **Relações de gênero e apropriação de tecnologias de informação e comunicação na agricultura familiar de Santa Maria – RS**. Tese (Doutorado em Extensão Rural). Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2012.

SILVA, José Graziano da. **O novo rural brasileiro**. São Paulo: Unicamp, 2002. (Coleção Pesquisas, 1).

SILVA, Marcela Guimarães. **A apropriação das TICs por extensionistas e agricultores familiares: possibilidades para o desenvolvimento rural**. Tese (Doutorado em Extensão Rural). Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2014.

SILVEIRA, A. C. M. da. Sociedade da informação: TICs e o combate à exclusão digital no meio rural do Brasil. In: SILVEIRA, A. M. C. da. (Org.). **Divulgação científica e tecnologias de informação e comunicação**. Santa Maria, RS: UFSM-Facos, 2003.

SILVEIRA, A. C. M. da; VIERO, Verônica Crestani. Apropriação de TICs no Meio Rural Brasileiro, **Cadernos de Ciência e Tecnologia**, Embrapa, 2011. p. 257-277

SOARES, Carla Poennia Gadelha; ARAÚJO, Júlio César. **Afetividade, hipermodalidade e hipertextualidade nas interações no Orkut**. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO, 3, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <https://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2009/anais/a/afetividade_hipertexto.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2016.

THORTHON, Ricardo. El agricultor, Internet y las barreras a su adopción. In: THORNTON, Ricardo e CIMADEVILLA, Gustavo. **La extensión rural en debate**. Buenos Aires: INTA, 2003.

TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO. **TCU realiza levantamento sobre políticas públicas de inclusão digital**. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://portal.tcu.gov.br/imprensa/noticias/tcu-realiza-levantamento-sobre-politicas-publicas-de-inclusao-digital.htm>> Acesso em: 17 set. 2016.

VIERO, Verônica Crestani. **TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO RURAL BRASILEIRO: o modelo de monitoramento agrícola do sistema irriga**. 2009. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

_____. **Relações de gênero e apropriação de tecnologias de informação e comunicação na agricultura familiar de Santa Maria/RS**. Tese (Doutorado em Extensão Rural). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

APÊNDICE A - Roteiro de perguntas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL – RELAÇÕES PÚBLICAS PESQUISA SOBRE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO

IDENTIFICAÇÃO

Profissão _____

Idade _____

- 1- Como se deu o acesso à Internet durante sua vida escolar?
- 2- Antes de ter acesso à Internet em sua casa, qual era sua alternativa para conectar-se a ela?
- 3- Com o acesso à Internet em sua casa, o que mudou em sua vida?
- 4- Quando você ainda não tinha acesso à Internet em sua casa, sentia-se isolado?
- 5- Quais os conteúdos que você mais acessa na Internet?
- 6- Você pesquisa e acessa sites na Internet que podem auxiliar as funções na propriedade rural? Quais?
- 7- Você acha que há conteúdos relevantes e que se direcionam para a população residente no meio rural disponibilizados na Internet? Quais?
- 8- Já cursou/cursa algum curso online profissionalizante pela Internet da sua casa? Qual?

APÊNDICE B - Transcrição das Entrevistas

1- Como se deu o acesso à Internet durante sua vida escolar?

Foi bom, ajudou bastante com os trabalhos, pesquisas. Em casa e na escola.
(Serviços Gerais em granja, 19 anos)

Na escola não tinha muita internet, só nas aulas de informática.
(Agricultor, 28 anos)

A Internet ajudou muito, pesquisava melhor na Internet do que nos livros.
(Agricultora, 20 anos)

Só na escola.
(Auxiliar Administrativo, 21 anos)

Primeiro, eu tinha acesso só na escola, eventualmente nas aulas de informática, durante todo ensino médio. Depois na faculdade tinha acesso em casa, tinha computador com acesso à Internet. Não toda faculdade, mas a maior parte dela, uns 80% da faculdade. E desde então, sempre tive Internet.
(Médico Veterinário, 28 anos)

Desde a quarta série já tinha, fazia trabalhos e pesquisa no colégio. Em casa a partir da instalação.
(Agricultor, 21 anos)

Foi na quinta série, antes não tinha Internet.
(Vendedor e Acadêmico de Ciências Contábeis, 23 anos)

Boa, tinha em casa.
(Auxiliar de Agricultor, 18 anos)

Usava para fazer trabalhos, e pra um comunicar com o outro.
(Motorista, 25 anos)

Na escola, usava pouco a internet.
(Agricultor, 26 anos)

Foi na escola, e queria em casa também. Insisti para ter em casa.
(Agricultora, 19 anos)

Enquanto estava na escola não tinha internet.
(Auxiliar de Inspeção Federal, 23 anos)

Quase não tinha. Comecei a ter internet no segundo ano do ensino médio.
(Servente de Pedreiro, 23 anos)

Bom, épocas que tinha e épocas que não. Acessava na escola.
(Agricultor, 25 anos)

Iniciei o uso da internet no colégio durante a segunda fase do ensino fundamental, onde usávamos deste meio para pesquisas e jogos.
(Bióloga, 23 anos)

Usava bastante, fiz o técnico agrícola, até pela forma de enviar trabalho, e-mail. Quando veio internet já colocamos e usava em casa, estava na sexta, sétima série.
(Agricultor, 21 anos)

Na escola tinha, e em casa não tinha. Se tinha algum trabalho pra fazer ia nos amigos, ou no vizinho.
(Serviços Gerais em granja, 19 anos)

No ensino fundamental só tinha na escola, a gente colocou internet só a uns dois anos. No ensino médio também não tinha ainda.

(Serviços Gerais em granja e Acadêmica de Psicologia, 20 anos)

Foi no ensino fundamental, a partir da 7ª série, apenas no laboratório de informática da escola.

(Expedidor de Materiais, 26 anos)

No ensino fundamental não tinha muito, mais no ensino médio.

(Serviços Gerais em granja e Acadêmica de Biologia, 19 anos)

Ensino fundamental tinha que ir na escola, que em casa não tinha. E no ensino médio que eu me lembro, acho que eu já tinha. Ia pesquisar na casa do vizinho, na casa do Rene que tinha antes de nós.

(Agricultora, 23 anos)

Acho que não tinha Internet quando ia ao colégio.

(Soldador, 27 anos)

A maioria das vezes na escola, quando não tinha ia na casa de vizinhos. Em casa quando estava na 7ª série.

(Agricultora, 18 anos)

Primeiramente foi muito difícil, pois naquela época não tínhamos tanta modernidade como nos tempos atuais, lembro que meu irmão sempre me levava até a cidade ou até a casa de um vizinho que tinha internet para fazer os meus trabalhos. Com o passar dos anos e com a tecnologia já avançada tudo começou a ficar mais prático e fácil, pois os estudos exigiam ter o acesso à internet, devido aos trabalhos a serem realizados, pesquisas e ter também um e-mail.

(Enfermeira, 24 anos)

Vida escolar tinha pouco acesso, mais acesso no ensino médio. Quase terminando o ensino médio, ia fazer trabalho na escola.

(Agricultor, 24 anos)

Quando estava estudando no ensino fundamental primeiro não tinha acesso à internet, só na escola. Depois conversei em casa com os pais que seria melhor colocar internet pra procurar as coisas, se informar, e aí foi colocado internet em casa, e dali em diante sempre tive internet, e daí eu procurava e conseguia entender e explicar na escola, fazer trabalhos.

(Auxiliar de Padaria, 20 anos)

2- Antes de ter acesso à Internet em sua casa, qual era sua alternativa para conectar-se a ela?

Ai eu ia na vizinha, na Josiane ou na Janice, ou se não na escola mesmo.

(Serviços Gerais em granja, 19 anos)

Era pouco que eu entrava na internet, só depois que veio a CertelNet. Usava as vezes na minha irmã, mas eram poucas as vezes.

(Agricultor, 28 anos)

Na escola, ou na minha vizinha, ia sempre lá fazer os trabalhos.

(Agricultora, 20 anos)

Na escola.

(Auxiliar Administrativo, 21 anos)

Na escola durante as aulas de informática, e eventualmente pagando um horário numa *langhouse*.

(Médico Veterinário, 28 anos)

Colégio.

(Agricultor, 21 anos)

Na escola.
(Vendedor e Acadêmico de Ciências Contábeis, 23 anos)

Na escola.
(Auxiliar de Agricultor, 18 anos)

No colégio ou casa de amigos.
(Motorista, 25 anos)

Na escola.
(Agricultor, 26 anos)

Na escola, e fazia trabalhos em vizinhos.
(Agricultora, 19 anos)

Não tinha.
(Auxiliar de Inspeção Federal, 23 anos)

Com os meus amigos.
(Servente de Pedreiro, 23 anos)

A única alternativa era a escola, não tinha outra. Depois quando estava no primeiro ano ia na casa de amigos, fazia um curso, e todo sábado tinha esse curso numa *langhouse*.
(Agricultor, 25 anos)

Apenas no colégio.
(Bióloga, 23 anos)

Só na escola. Que antes também não tinha Internet, pelo celular não tinha.
(Agricultor, 21 anos)

Na escola, e no vizinho ia as vezes, ia bastante lá ajudar e daí as vezes acessava.
(Serviços Gerais em granja, 19 anos)

Na escola ou as vezes eu ia em *langhouse* ou na casa de amigos, ou no celular também.
(Serviços Gerais em granja e Acadêmica de Psicologia, 20 anos)

O laboratório da escola e a casa de alguns amigos, na época, eram três colegas que tinham acesso à internet em casa.
(Expedidor de Materiais, 26 anos)

Só na escola, ou quando ia na casa de alguém que tinha internet, os amigos.
(Serviços Gerais em Granja e Acadêmica de Biologia, 19 anos)

O vizinho, que ele tinha.
(Agricultora, 23 anos)

Não me conectava.
(Soldador, 27 anos)

Na casa de vizinhos. Professora não pedia muita coisa pra procurar na Internet, ela já sabia quem tinha e quem não tinha.
(Agricultora, 18 anos)

Escola, casa de amigos ou então lugares onde ofereciam o acesso à Internet.
(Enfermeira, 24 anos)

Era a escola, outra maneira de internet não tinha nenhuma, só no colégio mesmo.
(Agricultor, 24 anos)

Na escola, e as vezes que eu não tinha acesso à escola, procurava em livros o que eu precisava.
(Auxiliar de Padaria, 20 anos)

3- Com o acesso à Internet em sua casa, o que mudou em sua vida?

Dá pra pesquisar coisas importantes, coisas que nunca pensei que poderia ser usado, acho que é isso.
(Serviços Gerais em granja, 19 anos)

Muito, dá pra conversar com os amigos, pesquisar muitas coisas quando tem dúvida.
(Agricultor, 28 anos)

Acho que tudo, a gente descobre outras culturas pesquisando. Pesquisando conhece outros países. Consegui fazer os trabalhos da escola mais completo, livros tem quase tudo igual.
(Agricultora, 20 anos)

Mais conhecimento, mais facilidade de pesquisar coisas, comprar também.
(Auxiliar Administrativo, 21 anos)

Comunicação com amigos, clientes, professores e profissionais da área. Acesso a conteúdo profissionais, artigos científicos, estudo e troca de informações que diz respeito a minha profissão, entretenimento, acesso a filmes, lazer, cursos online.
(Médico Veterinário, 28 anos)

Consegue comprar coisas mais baratas, previsão do tempo, como nós precisamos muito, já compramos muitas máquinas pra fazer serviços do dia-a-dia, compra do Paraná, isso é muito útil. Muitas vezes tem um probleminha, procura na internet a solução.
(Agricultor, 21 anos)

Um monte de coisa, facilidade acadêmica, facilita um monte, vai fazer um trabalho que não precisa se juntar na casa de colegas, pode fazer tudo no meio virtual. E também o convívio com as pessoas, facilidade de Facebook, facilidade de conversar, dialogar. Mas o principal foi a vida acadêmica, facilidade de pegar o conteúdo.
(Vendedor e Acadêmico de Ciências Contábeis, 23 anos)

Acesso ao Facebook, Whatsapp também, E-mail.
(Auxiliar de Agricultor, 18 anos)

Tu fica sabendo mais das coisas, as vezes não tem tempo pra olhar televisão, a Internet é mais pra isso.
(Motorista, 25 anos)

Facilitou a vida de pesquisar sem sair de casa, Internet dentro de casa.
(Agricultor, 26 anos)

Posso conversar com meus amigos, pesquisar coisas.
(Agricultora, 19 anos)

Muitas coisas [risos], qualquer coisa que tu precisa tu olha na internet, tu fala com teus amigos de longe.
(Auxiliar de Inspeção Federal, 23 anos)

Informação aumentou muito, comprar coisas, comunicação entre amigos também melhorou muito.
(Servente de Pedreiro, 23 anos)

O cara fica mais informado, sempre se mantém no mundo virtual.
(Agricultor, 25 anos)

O acesso à internet possibilita um acesso mais rápido e prático às informações, como produtos que possam ser utilizados na propriedade, doenças e pragas. Além disso, o acesso as redes sociais permite uma maior troca de informações com outros produtores.

(Bióloga, 23 anos)

Que nem buscar conhecimentos muitas vezes pesquisa uma coisa lá que ajuda e fornece uma utilidade aqui pra agricultura, até pra falar com os professores por e-mail, ficou mais fácil de se comunicar.

(Agricultor, 21 anos)

Posso fazer trabalhos, pesquisar os conteúdos, ficar no Facebook.

(Serviços Gerais em granja, 19 anos)

Mais rapidez pra fazer os trabalhos, com certeza. Economia de tempo né.

(Serviços Gerais em granja e Acadêmica de Psicologia, 20 anos)

O acesso à internet em casa possibilitou muitas coisas novas. O mais importante foi o acesso à informação, de toda forma e em qualquer momento. Já estava cursando o ensino superior quando o acesso chegou em minha casa e isso, sem dúvidas, facilitou e impulsionou bastante meu aprendizado. Gosto muito de música e o acesso à Internet trouxe o mundo musical pra dentro de casa, além de filmes, redes sociais e várias outras formas de entretenimento. Dispor de internet em casa me possibilitou também o aprendizado da língua inglesa, através de dicionários online, sites de tradução e seriados legendados.

(Expedidor de Materiais, 26 anos)

Tudo, tu fica sabendo mais das coisas, quando não tinha tu não ficava sabendo de nada, agora dá para acompanhar os jogos, tem o Facebook.

(Serviços Gerais em Granja e Acadêmica de Biologia, 19 anos)

Fica tudo mais fácil, a gente usa bastante pra comprar peça no mercado livre, muitas coisas tu não acha por aqui [município de Westfália], pesquisa e toda tua dúvida tira ali, sempre facilita. Fala com a família também. Tenho família longe, acaba que nem usa o telefone, usa o Facebook pra mandar mensagem, telefone precisa pagar ainda, computador não.

(Agricultora, 23 anos)

Consigo falar com meus amigos e parentes de longe.

(Soldador, 27 anos)

Muita coisa, tem mais conteúdo na internet, explica um pouco melhor que os livros, os resumos e isso.

(Agricultora, 18 anos)

Praticamente tudo, pois com a tecnologia tão presente é até difícil ficar sem ela. Pela internet consegui arrumar um emprego, realizar pesquisas, compras e até conseguia conversar com amigos. Por meio da internet consegui ingressar em uma universidade e até mesmo arrumar um emprego bom. Pois o nosso futuro será cada vez mais digital e com o passar dos tempos as pessoas perceberão que não conseguirão mais ficar sem ela.

(Enfermeira, 24 anos)

Muita coisa mais contato com outras pessoas, troca de ideias, pesquisas, dúvidas na propriedade, remédios pra animais, doenças a gente pesquisa.

(Agricultor, 24 anos)

A gente tá mais informado das coisas, notícias, o que acontece, a gente pode procurar coisas que temos dúvida, o que a gente gostaria de saber e não tem com quem tirar dúvida procura na internet.

(Auxiliar de Padaria, 20 anos)

4- Quando você ainda não tinha acesso à Internet em sua casa, sentia-se isolado?

Às vezes sim, é que quando não tinha aqui em casa, sempre tinha que ir pra rua, procurar outro lugar pra fazer os trabalhos, e até as redes sociais se eu quisesse.
(Serviços Gerais em granja, 19 anos)

Não, naquela época não era tão usada, hoje em dia é pra Whatsapp, baixar programa, naquela época não.
(Agricultor, 28 anos)

Sim, me sentia. Porque todos tinham internet, menos eu, me sentia excluída.
(Agricultora, 20 anos)

Com certeza, se é pra comparar com hoje em dia não se tinha nada, hoje dá pra saber como são os parentes de longe.
(Auxiliar Administrativo, 21 anos)

Sim, sentia isolado, mas na época a Internet ainda não era tão popular, mas me sentia um pouco isolado, era uma coisa que faltava.
(Médico Veterinário, 28 anos)

Parecia que estava faltando alguma coisa pra descobrir, quando tinha no colégio e chegava em casa dava vontade de pesquisar, mas daí não tinha como.
(Agricultor, 21 anos)

Não, porque eram outras épocas, se tinha outras coisas pra fazer, porque hoje em dia dificilmente se vai no campo, não tem ninguém mais que vai no campo jogar bola, e nós íamos, e daí não sentia tanto. Internet tem o lado bom, mas o lado ruim é que acaba tirando essas coisas.
(Vendedor e Acadêmico de Ciências Contábeis, 23 anos)

Não.
(Auxiliar de Agricultor, 18 anos)

Não, porque daí tu tinha mais amizades fora, acho que a Internet mesmo que isola as pessoas.
(Motorista, 25 anos)

Não.
(Agricultor, 26 anos)

Sentia isolada, conversava mais com o pessoal daqui [localidade de Linha Paissandu], e com a internet passei a falar com pessoas de outras localidades.
(Agricultora, 19 anos)

Às vezes, todos os amigos tinham Internet e tu estava ali sem fazer nada, os trabalhos tinha que procurar nos livros, essas coisas.
(Auxiliar de Inspeção Federal, 23 anos)

Talvez não, porque estava acostumado assim, depois que veio a internet que a gente mudou a vida.
(Servente de Pedreiro, 23 anos)

Não me sentia isolado, me virava com outras coisas, pensava mais em brincar, por exemplo, vamos hoje fazer umas tábuas e descer o morro. Pensava mais em brincar. Nesse tempo ninguém não tinha muito, não se pensava nisso.
(Agricultor, 25 anos)

Um pouco nos momentos em que a maioria das pessoas já tinham acesso e eu ainda não.
(Bióloga, 23 anos)

Não, porque naquela época o divertimento era jogar computador, ajudar a trabalhar também, porque naquela época nem conhecia pra que servia a Internet e tudo.
(Agricultor, 21 anos)

Sim, não tinha nada pra fazer.
(Serviços Gerais em granja, 19 anos)

Sim, era meio estranho que todo mundo tinha, aí tinha o Orkut né, aí todo mundo estava no Orkut [rede social] e a gente não tinha, ficava meio excluído.
(Serviços Gerais em granja e Acadêmica de Psicologia, 20 anos)

De forma alguma. Não ter acesso à internet em casa pode ter me privado de várias coisas durante a infância e a pré-adolescência, mas, como não tinha conhecimento do potencial desta ferramenta, não sentia falta. Sempre tive outros meios para acessar informações para fins escolares, por exemplo.
(Expedidor de Materiais, 26 anos)

Sim, muito. Porque o que mais dava raiva quando ia na casa das gurias elas tinham, e eu não tinha internet.
(Serviços Gerais em granja e Acadêmica de Biologia, 19 anos)

Que nem por aqui não era tanto da Internet ainda, acho que por ser interior, aí não era tão forte a Internet, acho que não. Tínhamos isso de ir na casa brincar, que nem ele [filho da entrevistada], vai sentir mais isso depois, se ele não tiver.
(Agricultora, 23 anos)

Não.
(Soldador, 27 anos)

Sim, bastante, a maioria dos colegas tinham, ficavam falando na escola, como eu era a única guria daqui [localidade de Linha Paissandu] ficava um pouco pra trás.
(Agricultora, 18 anos)

De certa forma sim, pois até então, não conseguia arrumar um emprego bom, ficar por dentro dos estudos, fazer pesquisas, não tinha um e-mail que me ajudava a mandar os trabalhos da faculdade para os colegas.
(Enfermeira, 24 anos)

Acho que sim, que nem quando tu tem começa a falar com tudo, informações, já sabe mais rápido que na TV, com aplicativos, Facebook, Acontece alguma coisa, dois minutinhos já tá por dentro de tudo.
(Agricultor, 24 anos)

Não, que nem primeiro quando a gente não tinha internet buscava coisas em livros, procurava em outros lugares, não sentia a falta porque não sabia o que era, depois que tinha internet podia se comunicar mais, pesquisar, e aí mudou.
(Auxiliar de Padaria, 20 anos)

5- Quais os conteúdos que você mais acessa na Internet?

Próprio Facebook, o Google pra fazer as pesquisas e coisas assim.
(Serviços Gerais em granja, 19 anos)

Previsão do tempo, uso Whatsapp, as vezes tem dúvida sobre as coisas aí pesquiso também.
(Agricultor, 28 anos)

Redes sociais, música, sites de compras, sites de beleza.
(Agricultora, 20 anos)

De viagem, Facebook, informativo, notícias.
(Auxiliar Administrativo, 21 anos)

Redes sociais, filmes, e seriados em geral, vídeos, entretenimento, revistas da minha área, artigos científicos e notícias quanto minha área de trabalho, cursos online.
(Médico Veterinário, 28 anos)

Previsão do tempo é muito utilizado, redes sociais como Facebook, na época tinha MSN, o Whatsapp também.

(Agricultor, 21 anos)

Área esportiva em primeiro lugar, todo dia, vários sites ligados a esporte. E em segundo lugar conteúdo universitário, relação de trabalho essas coisas.

(Vendedor e Acadêmico de Ciências Contábeis, 23 anos)

Facebook, Whatsapp.

(Auxiliar de Agricultor, 18 anos)

Facebook e notícias em geral.

(Motorista, 25 anos)

Facebook, notícias, globo rural, região.

(Agricultor, 26 anos)

Rede sociais – Facebook e Whatsapp.

(Agricultora, 19 anos)

Receitas, Facebook.

(Auxiliar de Inspeção Federal, 23 anos)

Vídeos de musculação, esporte, futebol, e vídeos de engenharia.

(Servente de Pedreiro, 23 anos)

Facebook, Globo Esporte, Globo Rural, isso se inclui em páginas do Facebook. Hoje em dia tudo é interligado, tudo se liga.

(Agricultor, 25 anos)

Redes sociais e realizo pesquisas sobre assuntos relacionados ao trabalho.

(Bióloga, 23 anos)

Facebook, Messenger, Whatsapp, OLX, pesquiso bastante vendas agrícolas pra pegar umas coisas baratas, e-mail, as vezes tem que fazer uma pesquisa e coisa, a gente faz.

(Agricultor, 21 anos)

O Facebook, o Google, Globo Esporte

(Serviços Gerais em granja, 19 anos)

O Facebook, Youtube, Google assim pra pesquisa, acho que é isso assim mais.

(Serviços Gerais em granja e Acadêmica de Psicologia, 20 anos)

Além das redes sociais, que mantenho sempre conectadas [risos] acesso bastante sites de informações políticas, ambientais e econômicas. Gosto de estar informado dos principais assuntos do dia a dia. Moda e estilo são fáceis de encontrar no meu histórico de navegação também.

(Expedidor de Materiais, 26 anos)

Facebook, site do Inter, site da globo também, coisas da aula, Youtube também as vezes.

(Serviços Gerais em Granja e Acadêmica de Biologia, 19 anos)

Redes sociais, o mercado livre bastante, pra compras, e bastante pesquisa, aí tu tem uma dúvida de alguma coisa, uso bastante o Google, tudo quanto é coisa, diferenciado. E-mail também uso bastante.

(Agricultora, 23 anos)

Whatsapp, Facebook, Youtube.

(Soldador, 27 anos)

Facebook e Whatsapp, e agora também os conteúdos para o ENEM que é semana que vem.
(Agricultora, 18 anos)

Climatologia, moda, saúde, doenças, alimentação e compras pela internet.
(Enfermeira, 24 anos)

Futebol, notícias, reportagens. Previsão do tempo é uma coisa que a família quer saber, pra se programar, redes sociais, é mais que nem futebol até.
(Agricultor, 24 anos)

Procuro coisas de saúde, daí então que nem a gente acessa o Facebook, pra se comunicar com as pessoas, mais isso. A mãe costuma olhar o Facebook do Sindicato Rural.
(Auxiliar de Padaria, 20 anos)

6- Você pesquisa e acessa sites na Internet que podem auxiliar as funções na propriedade rural? Quais?

Eu assim não, mais meu irmão, ou se minha mãe quer saber alguma coisa aí sim.
(Serviços Gerais em granja, 19 anos)

Sim, as vezes alimentação dos animais, pesquisar pasto que é pra plantar. Olho mais o clima tempo, todo dia entro pra dar uma olhada.
(Agricultor, 28 anos)

Não.
(Agricultora, 20 anos)

Eu não.
(Auxiliar Administrativo, 21 anos)

Sim, como eu presto serviço eu utilizo essas informações para passar nas propriedades que eu atendo.
MilkPoint, Google Acadêmico, Revista Leite Integral, Google, Clima Tempo
(Médico Veterinário, 28 anos)

Sim, muito. Canal Rural eu olho as vezes, empresas relacionadas a produção, as vezes tem dúvida pra usar um produto, é só pesquisar na Internet, empresas de sêmen, abs, selec silens,
(Agricultor, 21 anos)

Sim, muitas, até porque eu trabalho nisso. Sites como Fetag, nutrição animal que podem aumentar a produção do leite, relacionado a semente pra plantio, essas coisas assim.
(Vendedor e Acadêmico de Ciências Contábeis, 23 anos)

Sim, o tempo.
(Auxiliar de Agricultor, 18 anos)

Não.
(Motorista, 25 anos)

Sim, coisas da agricultura e pecuária. Como Globo Rural, Avilink, notícias sobre frango, Grêmio e informações da região, tipo acidente.
(Agricultor, 26 anos)

Sim, o que eu mais na internet é receitas.
(Agricultora, 19 anos)

Não.
(Auxiliar de Inspeção Federal, 23 anos)

O clima tempo pra vários dias.

(Servente de Pedreiro, 23 anos)

Depende o conteúdo, não tenho site específico de pesquisa.
(Agricultor, 25 anos)

Sim, site da Embrapa e Emater.
(Bióloga, 23 anos)

Às vezes se tem uma dúvida, é que muitas coisas eu sei porque sou formado em técnico e sei, não preciso pesquisar. Já pesquisei sobre frangos, uma doença, não me lembro a doença.
(Agricultor, 21 anos)

OLX, essas coisas.
(Serviços Gerais em granja, 19 anos)

Nunca procurei nada, as vezes procuro a previsão do tempo, pra saber se vai chover ou não, pra plantar, mas fora isso não.
(Serviços Gerais em granja e Acadêmica de Psicologia, 20 anos)

Eu e minha família moramos na área rural mas não trabalhamos nela, então não acessamos informações relacionadas. Meteorologia, de certa forma.
(Expedidor de Materiais, 26 anos)

Quase nada.
(Serviços Gerais em granja e Acadêmica de Biologia, 19 anos)

Na verdade não, quem sabe mais pra frente. Questão de frango Márcio já procurou, mas só do frango, fora isso não.
(Agricultora, 23 anos)

Às vezes mas muito pouco, uma doença de um animal ou uma ave aí procuro na Internet.
(Soldador, 27 anos)

Não.
(Agricultora, 18 anos)

Às vezes sim.
(Enfermeira, 24 anos)

Sim, primeiro o clima tempo, acesso o face da Emater, tem informações, Globo Rural várias vezes, Canal Rural as vezes, a primeira busca que aparece eu olho, dúvidas sobre vermífagos e animais.
(Agricultor, 24 anos)

Não.
(Auxiliar de Padaria, 20 anos)

7- Você acha que há conteúdos relevantes e que se direcionam para a população residente no meio rural disponibilizados na Internet? Quais?

Sim, aprimorar a lavoura e coisas assim, o que pode ser feito pra tal coisa, melhorar o plantio e produção.
(Serviços Gerais em granja, 19 anos)

Sim, tem. Porque tu vai pesquisar aparece tudo.
(Agricultor, 28 anos)

Tem, alguns sites, como o site da Emater.
(Agricultora, 20 anos)

Bastante, como atividade rural.

(Auxiliar Administrativo, 21 anos)

Tem quanto a atividade que a pessoa exerce, vamos dizer a pecuária leiteira, avicultura, suinocultura, agricultura, quanto a questão de sanidade, manejo, mas só digamos na área de trabalho, e não na área de lazer, ou outra.

(Médico Veterinário, 28 anos)

Depende, as vezes tu acha fácil, e as vezes fica com dúvida, não explica 100%. Pesquiso tanta coisa, não tenho nenhum na cabeça agora para dizer. Relacionado a nutrição, é uma linguagem diferente, linguagem mais nutricionista pra animais, é um pouco mais complicado.

(Agricultor, 21 anos)

Tem, acho que o principal, que é o mais utilizado é o clima tempo, pra se programar quando precisa fazer algo e precisa ter tempo bom. Exemplo pra fazer o feno, pessoal vai direto na Internet e se programa conforme o tempo, essa semana dá pra fazer, essa semana não dá pra fazer porque vai chover. Também muitos produtores hoje tem Internet em casa, acaba pagando boleto tudo por meio de Internet, que antes não era, isso facilitou muito a vida deles, antes tinha que ir sempre a agência bancária.

(Vendedor e Acadêmico de Ciências Contábeis, 23 anos)

Tem, o tempo.

(Auxiliar de Agricultor, 18 anos)

Com certeza, tem que nem o Campo e Lavoura.

(Motorista, 25 anos)

Conforme teu interesse, área urbana não interessa tanto na área rural e vice-versa.

(Agricultor, 26 anos)

Sim, as duas coisas, é pouca do meio rural, pessoal mais da cidade grande.

(Agricultora, 19 anos)

Tem sim, não sei citar qual.

(Auxiliar de Inspeção Federal, 23 anos)

Bah, com certeza, até com tecnologia pra melhorar manejo. Geralmente se encontram no Youtube.

(Servente de Pedreiro, 23 anos)

Tem vários sites que puxam mais para a população do meio rural, mas tem muito mais pra população da cidade, que eles estão em crescimento, querem comprar uma casa e tem isso e aquilo.

(Agricultor, 25 anos)

Acho que há vários sites sobre assuntos relacionados a produção rural, porém a maioria utiliza uma linguagem muito técnica dificultando o seu entendimento.

(Bióloga, 23 anos)

Tem muita coisa, que nem tem tudo, pode até baixar um livro na Internet que tu quer, sobre produção animal, manejo, suinocultura, bovino, cultura de leite, tem tudo. Pelo menos tem um resumo assim, aí tem também tipo livros que é mais difícil de acessar.

(Agricultor, 21 anos)

Tem, mas não lembro um específico.

(Serviços Gerais em granja, 19 anos)

Deve ter muita coisa assim, mas eu nunca procurei muito, mas na Internet tem tudo, deve ter bastante coisa.

(Serviços Gerais em granja e Acadêmica de Psicologia, 20 anos)

Com certeza, qualquer informação é facilmente encontrada na Internet. Informações meteorológicas, preço de grãos e outros bens produzidos no meio rural, informação sobre plantio e cultivo de sementes, produção animal. Feiras de agronegócio, preços de máquinas.
(Expedidor de Materiais, 26 anos)

Acho que tem, deve ter umas coisas no Youtube, mas nunca pesquisei.
(Serviços Gerais em granja e Acadêmica de Biologia, 19 anos)

É geral, depende daquilo que tu for procurar, porque aquilo que tu quiser achar vai achar, acho que sim. Tem programas tipo o sindicato que tem essas coisas, e negócio da TV que passa da agricultura consegue acessar na Internet, se tu quiser tu consegue.
(Agricultora, 23 anos)

Sim.
(Soldador, 27 anos)

Acho que tem.
(Agricultora, 18 anos)

Acho que sim, como por exemplo, pesquisa de utensílios agrícolas, pesquisa de preços de insumos, e compra e venda relacionada a agricultura.
(Enfermeira, 24 anos)

Acredito, é bastante informação e variedade, curti globo rural aparece muitas informações sobre tudo, quer saber vai encontrar pra ajudar na propriedade.
(Agricultor, 24 anos)

Deve ter alguma coisa sim, as vezes o site da Prefeitura tem alguma coisa do meio rural.
(Auxiliar de Padaria, 20 anos)

8- Já cursou/cursa algum curso online profissionalizante pela Internet de sua casa? Qual?

É agora que eu estou fazendo uns cursinhos, tinha na prefeitura pra se inscrever, e aí me inscrevi e estou fazendo online. Mais peguei porque não sei o que vou fazer, estou no último ano do ensino médio, e não sei se vou continuar, peguei e fiz. São cursos de auxiliar administrativo, estética: manicure, maquiador e cabelereiro, design gráfico e espanhol básico e intermediário.
(Serviços Gerais em granja e estudante do 3º ano do Ensino Médio, 19 anos)

Não.
(Agricultor, 28 anos)

Não. Porque não gosto muito de fazer pela internet cursos, gosto de fazer mais pessoalmente, se aprende mais.
(Agricultora, 20 anos)

Quando fazia o curso técnico eu fazia um de digitação, que era online.
(Auxiliar Administrativo, 21 anos)

Já cursei vários cursos online, como curso de formação de dietas em bovinos, curso de controle reprodutivo em bovinos, e curso sobre estatísticas e metas para propriedade leiteira, e mais eventuais palestras online.
(Médico Veterinário, 28 anos)

Não. Depende qual curso, posso interessar. Gosto mais de curso presencial, pois gosto de fazer muitas perguntas. E também pelo motivo de minha carga horária ser muito maior se não tenho aula fora de casa.
(Agricultor, 21 anos)

Sim, relacionado a contábeis. Contabilidade online é o site.
(Vendedor e Acadêmico de Ciências Contábeis, 23 anos)

Não.
(Auxiliar de Agricultor, 18 anos)

Não, nunca.
(Motorista, 25 anos)

Não.
(Agricultor, 26 anos)

Não, nenhum. Por causa de vontade, e talvez falta de paciência para se sentar na frente de um computador e fazer curso em casa. Talvez então seria mais fácil fazer um curso presencial.
(Agricultora, 19 anos)

Não.
(Auxiliar de Inspeção Federal, 23 anos)

Estava fazendo um curso de elétrica industrial.
(Servente de Pedreiro, 23 anos)

Não.
(Agricultor, 25 anos).

Não. Porque eu nunca tive vontade de fazer.
(23 anos, Bióloga)

Não, nunca pensei nisso.
(Agricultor, 21 anos)

Nunca.
(Serviços Gerais em granja, 19 anos)

Não. Acredito que esses tipos de cursos não são tão reconhecidos como os presenciais.
(Serviços Gerais em granja e Acadêmica de Psicologia, 20 anos)

Cursei algumas disciplinas EAD durante minha graduação. Faço alguns testes de TOEFL online grátis de vez em quando, mas não sei se pode-se encaixar aqui.
(Expedidor de Materiais, 26 anos)

Não.
(Serviços Gerais em granja e Acadêmica de Biologia, 19 anos)

Pela internet nunca.
(Agricultora, 23 anos)

Não.
(Soldador, 27 anos)

Nunca. Tenho medo de não ser site ou algo confiável. Vai que é um truque ou algo do tipo. Tenho medo que depois de tiver tudo pago eu não receba o certificado.
(Agricultora, 18 anos)

Não.
(Enfermeira, 24 anos)

Não fiz nenhum. Nunca tive interesse em fazer algo.
(Agricultor, 24 anos)

Nunca. Ainda não tive condições, isso se deve a gastos com saúde, enfermidades, as quais meu pai passou e minha mãe também, e hoje em dia, até que tu dá a volta teu salário foi [risos] quem sabe um dia.

(Auxiliar de Padaria, 20 anos)

ANEXO A - Projeto de Lei Nº 641/2009

Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DE WESTFÁLIA
Rua Leopoldo Fiegenbaum – 488 – Centro – Westfália – RS
CEP 95893.000 – FONE/FAX (51) 37624553
E-mail: westfalia@westfalia.rs.gov.br

LEI Nº 641, de 22 de janeiro de 2009

AUTORIZA O PODER EXECUTIVO A FIRMAR CONVÊNIO COM A CERTEL, COM A FINALIDADE DE IMPLEMENTAR A INSTALAÇÃO DE SERVIÇO DE ACESSO À INTERNET NA LINHA BERLIM FUNDOS, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

SÉRGIO MARASCA, Prefeitura Municipal de Westfália, no uso de suas atribuições legais,

FAÇO SABER, que a Câmara Municipal de Vereadores aprovou e eu promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º Fica o Poder Executivo autorizado a firmar Convênio com a Cooperativa Regional de Eletrificação de Teutônia Ltda. - CERTEL, com a finalidade de implementar a instalação de serviço de acesso à internet na Linha Berlim Fundos, neste Município.

Parágrafo Único Pela execução dos serviços de implementação da rede de acesso, com rádios, antenas e cabos, o Município pagará à CERTEL o valor de até R\$ 3.500,00 (três mil e quinhentos reais), que será pago na conclusão dos trabalhos, mediante a emissão de laudo técnico da Cooperativa e visado pelo Engenheiro do Município, com a incidência de ISSQN.

Art 2º Para cobrir as despesas decorrentes da aplicação da presente Lei fica o Poder Executivo autorizado a abrir créditos adicionais com a classificação e indicação de recursos previstos na Lei nº 4.320/84.

Art. 3º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.
GABINETE DO PREFEITO, 22 de janeiro de 2009.

Sérgio Marasca
Prefeito

Registre-se e Publique-se

Eliane Dolores Giebmeier Prediger
Secretaria Municipal de Administração, Planejamento e Finanças

ANEXO B – Projeto de Lei Nº 676/2009

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PREFEITURA MUNICIPAL DE WESTFÁLIA
Rua Leopoldo Fiegenbaum – 488 – Centro – Westfália – RS
CEP 95893.000 – FONE/FAX (51) 37624553
E-mail: westfalia@westfalia.rs.gov.br

LEI Nº 676, DE 23 DE ABRIL DE 2009

AUTORIZA O PODER EXECUTIVO A FIRMAR CONVÊNIO COM A CERTEL, COM A FINALIDADE DE IMPLEMENTAR A INSTALAÇÃO DE SERVIÇO DE ACESSO À INTERNET NA LINHA SCHMIDT ALTA E MOLKE, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

SÉRGIO MARASCA, Prefeito de Westfália, Estado do Rio Grande do Sul,

FAÇO SABER que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica o Poder Executivo autorizado a firmar Convênio com a Cooperativa Regional de Eletrificação de Teutônia Ltda. - CERTEL, com a finalidade de implementar a instalação de serviço de acesso à internet na Linha Schmidt Alta e Molke, neste Município.

Parágrafo Único Pela execução dos serviços de implementação da rede de acesso, com rádios, antenas e cabos, o Município pagará à CERTEL o valor de até R\$ 8.172,00 (oito mil e cento e setenta e dois reais), que será pago na conclusão dos trabalhos, mediante a emissão de laudo técnico da Cooperativa e visado pelo Engenheiro do Município, com a incidência de ISSQN.

Art 2º Para cobrir as despesas decorrentes da aplicação da presente Lei fica o Poder Executivo autorizado a abrir créditos adicionais com a classificação e indicação de recursos previstos na Lei nº 4.320/64.

Art. 3º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.
GABINETE DO PREFEITO, 23 de abril de 2009.

Sérgio Marasca
Prefeito

Registre-se e Publique-se

Eliane Dolores Giebmeier Prediger
Secretaria Municipal de Administração